



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARIA MACIANA ARAÚJO PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO DO
ESTADO EM CUBATI-PB: UM RECORTE A PARTIR DOS ESTIGMAS
SOCIAIS (1970 - 2015)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

MARIA MACIANA ARAÚJO PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO DO
ESTADO EM CUBATI-PB: UM RECORTE A PARTIR DOS ESTIGMAS
SOCIAIS (1970 - 2015)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Cultura e Cidades

Orientador: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

P436c Pereira, Maria Maciana Araújo.
A construção identitária dos moradores do Bairro do Estado em Cubati-PB: um recorte a partir dos estigmas sociais (1970 - 2015) / Maria Maciana Araújo Pereira. – Campina Grande, 2023.
117 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior".
Referências.

1. História Cultural. 2. Estigma Social. 3. Identidade. 4 Cultura e Cidades. 5. Memórias Individuais e Coletivas – Moradores – Bairro do Estado – Cubati-PB. I. Souza Júnior, Xisto Serafim de Santana de. II. Título.

CDU 930.85(043)

MARIA MACIANA ARAÚJO PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO DO
ESTADO EM CUBATI-PB: UM RECORTE A PARTIR DOS ESTIGMAS
SOCIAIS (1970 - 2015)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Cultura e Cidades

Aprovada em: 30/04/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Orientador



Prof.^a Dr.^a Damiana de Matos Costa França
Examinador Externo



Prof.^a Dr.^a Keila Queiroz e Silva
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Examinador Interno



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Às 14h (quatorze horas) do dia 30 (trinta) de março de 2023 (dois mil e vinte e três), através de sala de videoconferência do mestrado da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo(a) aluno(a) **Maria Maciana Araújo Pereira**, intitulada: “A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO DO ESTADO EM CUBATI-PB: UM RECORTE A PARTIR DOS ESTIGMAS SOCIAIS (1970 - 2015)”, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“Aprovado”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior - Orientador(a), Keila Queiroz e Silva - Examinador(a) Interno(a), Damiana de Matos Costa França - Examinador(a) Externo(a). Assina também a presente Ata o Secretário do PPGHYaggo Fernando Xavier de Aquino e o Coordenador do PPGH José Otávio Aguiar, para os devidos efeitos legais.

Parecer: A banca, após se reunir em secreto, considera o trabalho apto ao domínio público desde que sejam realizadas as modificações propostas na estrutura do trabalho.

Lista de Presença

Orientador(a)	Xisto Serafim de S. de Souza Júnior	
Examinador(a) Interno(a)	Keila Queiroz e Silva	
Examinador(a) Externo(a)	Damiana de Matos Costa França	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	
Coordenador	José Otávio Aguiar	

Campina Grande-PB, 30 de março de 2023.

*Aos moradores do Bairro do Estado que
a partir de suas vivências e memórias
possibilitaram a concretização deste
trabalho.
Dedico.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, por ter me dado forças para enfrentar os obstáculos e ter conseguido concretizar meus objetivos na realização desta pesquisa.

A minha família, por ter me acompanhado durante minha trajetória e me incentivado a nunca desistir dos meus objetivos, compreendendo minhas ausências e desânimos e fazendo com que os dias fossem menos difíceis. Aos meus pais, Luiz Braz e Maria José, pelos ensinamentos ao longo da minha vida, por terem me incentivado a seguir o caminho dos estudos, mesmo eles tendo tido o acesso limitado a instrução escolar ao longo da vida. Ao meu irmão Luiz, minha cunhada Marisélia e minha amada sobrinha Mariana, por se fazerem presentes durante a minha trajetória, me incentivando e fortalecendo diante das dificuldades.

A Rayssa Gurjão, por sua amizade e estímulo ao longo dos anos. Por estar sempre compartilhando momentos bons, mas também por estar presente durante as dificuldades, possibilitando que o fardo se tornasse menos pesado. Por sempre ter acreditado em mim e me incentivado a lutar pelos meus sonhos até a concretização deles.

Em especial, agradeço aos sujeitos da pesquisa, por terem se disponibilizado a contribuir com a realização dessa pesquisa, expondo suas memórias e vivências a partir de suas falas, mostrando as singularidades presentes no olhar de cada sujeito sobre o Bairro do Estado.

Ao meu orientador Xisto Serafim, pelas suas orientações e disponibilidade em ajudar sempre que necessário, com a indicação de leituras e o despertar de importantes reflexões para a concretização desta pesquisa.

Agradeço a banca examinadora, Damiana de Matos e Keila Queiroz, pelo interesse e disponibilidade em participar, indicando leituras complementares e tecendo considerações importantes que foram indispensáveis para a efetivação desta investigação.

Aos professores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em História, por todos os conhecimentos compartilhados ao longo do curso, os quais foram muito significativos para a construção desse trabalho.

Ao professor Eduardo Knack por ter oportunizado a realização do estágio em docência na disciplina “Produção de textos em história”, componente curricular da graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Sou grata pelos

conhecimentos adquiridos na prática docente, bem como a ampliação da reflexão sobre o fazer historiográfico, as dificuldades e o papel desempenhado pelo historiador mediante a conjuntura atual.

Ao professor Bruno Gaudêncio, por ter acreditado na relevância desta pesquisa e ter me incentivado a realizá-la desde a especialização em História Local na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Ao amigo Artur Chaves, pelas contribuições de material bibliográfico e de documentos fotográficos que foram indispensáveis para a realização dessa pesquisa.

Aos queridos amigos Juliana Rodrigues, Welly Pontes, Igor Lira, Andreína Kelly, Fabiana Adalice, Jessica Rufo, Florência Zacarias, Vanila Alves e Ana Thaíse por serem presentes, ouvindo os desabafos e possibilitando a amenização das dores e das dificuldades vivenciadas em meu caminho.

Enfim, obrigada a todas as pessoas que de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

A todos, muito obrigada!

“Existem apenas duas classes sociais, as do que não comem e as do que não dormem com medo da revolução dos que não comem”.

(Milton Santos)

RESUMO

O Bairro do Estado em Cubati-PB tem a sua história marcada pela formação do estigma social, ocasionado pelas condições de vulnerabilidade social que marca a edificação do Bairro. À vista disso, discutimos sobre o processo de construção identitária dos moradores dessa localidade ao longo de nossa delimitação. Nosso recorte temporal compreende o intervalo entre 1970 e 2015, período caracterizado pela ocupação pelos primeiros moradores e construção das primeiras moradias nas imediações de um reservatório de resíduos da cidade e ocorrência de mudanças estruturais e econômicas que influenciaram positivamente na vida dos residentes. Para nos dá suporte historiográfico desse momento utilizamos como base principalmente os relatos memoriais dos sujeitos da pesquisa, bem como fazemos a exploração de alguns registros fotográficos que nos dão indícios sobre o contexto explorado nessa investigação. Ao longo da discussão, nos embasam autores como Ciampa (1989), Lefebvre (2001), Giddens (2002), Pesavento (2002), Pais (2002), Simmel (2006), Costa (2016), Goffman (2020), Pereira (2020), dentre outros autores. A partir da análise dos dados, constatamos que as identidades que se formam tanto individual como de forma coletiva revelam que os sujeitos estabeleceram vínculos afetivos com o Bairro, intensificando o sentimento de pertencimento deles a localidade em que vivem. Assim, é possível destacarmos que muito embora as condições de vida que trouxeram sofrimento para quem ali residiu da década de 1970 até os anos 2000, o Bairro do Estado também significa lembranças boas que são recordadas pelos relatos memoriais dos sujeitos da pesquisa.

Palavras-chave: Cubati-PB; Bairro do Estado; Estigma social; Identidade.

ABSTRACT

The Bairro do Estado in Cubati-PB has its history marked by the formation of the social stigma, caused by the conditions of social vulnerability that characterize the construction of the Bairro. In view of this, we discussed the identity construction process of the residents of this locality throughout our delimitation. Our time frame comprises the interval between 1970 and 2015, a period characterized by occupation by the first residents and construction of the first houses in the vicinity of a city waste reservoir and the occurrence of structural and economic changes that positively influenced the lives of residents. In order to provide us with historiographical support for that moment, we mainly use the memorial reports of the research subjects as a basis, as well as exploring some photographic records that give us clues about the context explored in this investigation. Throughout the discussion, authors such as Ciampa (1989), Lefebvre (2001), Giddens (2002), Pesavento (2002), Pais (2002), Simmel (2006), Costa (2016), Goffman (2020), Pereira (2020), among other authors. From the data analysis, we found that the identities that are formed both individually and collectively reveal that the subjects established affective bonds with the neighborhood, intensifying their sense of belonging to the place where they live. Thus, it is possible to highlight that even though the living conditions that brought suffering to those who lived there from the 1970s to the 2000s, Bairro do Estado also means good memories that are recalled by the memorial reports of the research subjects.

Keywords: Cubati-PB; District of the State; Social stigma; Identity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAE	Certificado de Apreciação Ética
CEP/HUAC	Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
PB	Paraíba
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
SENARC	Secretaria Nacional de Renda de Cidadania
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Cubati no mapa da Paraíba	43
Figura 2 - Gráfico de população residente por religião	44
Figura 3 - Capela de Manoel de Barros	46
Figura 4 - Construção do primeiro mercado público, na atual Praça Josebel Gomes	48
Figura 5 - Igreja de São Severino Bispo em 1938	49
Figura 6 - Bairro do Estado (2011).....	58
Figura 7 - Tanques do Estado, em Cubati (2020).....	60
Figura 8 - Evento de inauguração do Matadouro Público no Bairro do Estado (Década de 1980)	63
Figura 9 - Rua José Cordeiro Neto, Bairro do Estado (Década de 1990)	68
Figura 10 - Mulher enchendo os vasilhames de água na Barragem do Estado (1994)...	70
Figura 11 - Creche do Bairro do Estado (2012)	71
Figura 12 - Gráfico de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família em Cubati (2004)	72
Figura 13 - Ginásio Poliesportivo Sebastião de Souza "O Brancão" (2018).....	73
Figura 14- Tanque de Totinha com vista para o Bairro do Estado (1995)	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo de habitantes de Cubati	51
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	18
1.1.....	19
HISTÓRIA DE VIDA E A ESCOLHA DO PERCUSO ACADÊMICO: DOIS FATORES INDISSOCIÁVEIS	19
1.2 A FOTOGRAFIA E A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE PESQUISA.....	25
A CIDADE COMO PRODUTO: ESPACIALIDADES E SOCIABILIDADES	32
2. 1 REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DA HISTORIOGRAFIA DAS CIDADES	33
2. 2 DE FAZENDA CANOAS A CUBATI: OS PERCURSOS PARA A FORMAÇÃO DA CIDADE.....	42
O BAIRRO DO ESTADO EM CUBATI: SUA ORIGEM E CRESCIMENTO.	55
3.1 DE RUA DO LIXO A BAIRRO DO ESTADO: A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE PERIFÉRICA.....	57
3.2 OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES: UMA (RE)LEITURA DA DINÂMICA SOCIAL ATRAVÉS DO LAZER NO BAIRRO DO ESTADO	75
A METAMORFOSE DAS IDENTIDADES EM “TEMPOS LÍQUIDOS”	81
4.1 AS METAMORFOSES REPRESENTATIVAS DO SUJEITO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	83
4.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO E DO SEU GRUPO SOCIAL	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
FONTES CONSULTADAS:.....	99
ENTREVISTAS REALIZADAS:	100
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	107
Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	108
Apêndice 2 - Roteiro de entrevista para moradores do Bairro do Estado	110
ANEXOS	111
Anexo 1 - Parecer do CEP.....	112
Anexo 2 – Lei Nº 2.076, de 30 de abril de 1959	116

INTRODUÇÃO

“Todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado”

(Sandra Jatahy Pesavento)

Viver na cidade nos propicia experiências que farão parte de nossa memória e vamos carregá-las ao longo de nossa vida. As cores, os cheiros, o formato dos prédios, os sons, dentre outros aspectos nos permite as sensações que vamos atrelar às memórias das nossas vivências na cidade. As lembranças que temos dessas vivências pela cidade serão capazes de intensificar ou reduzir os nossos laços afetivos com ela.

Entretanto o viver na cidade, muitas vezes não significa o direito de viver a cidade, isto é, em muitos casos os sujeitos não conhecem muitos ambientes de sua cidade ou não tem o direito de usufruí-la de forma igualitária junto à sociedade em geral. Isso se dá devido as desigualdades sociais que intensificam as formas de segregação social, principalmente das classes menos favorecidas, como é o caso dos moradores de periferia.

Nesse sentido, a cidade se configura como um importante objeto de reflexão para estudiosos em diferentes áreas do conhecimento. O exercício do historiador em refletir sobre a cidade e os processos constitutivos de sua historiografia é uma atividade delicada, mas que possibilita o destrinchar de aspectos que perpassam o que pode ser visto ou percebido aos nossos olhos, através de uma análise crítica envolvendo a sensibilidade.

A História Cultural possibilita ao pesquisador a percepção da cidade como um objeto de reflexão visto pelo campo das sensibilidades, uma vez que permite a explicação do passado vivido a partir da interpretação das representações construídas pelos sujeitos ao longo do tempo (PESAVENTO, 2004a). Isto é, as experiências vividas pelos sujeitos e que foram registradas, seja por meio das fotografias ou expressas nos relatos de memórias, dentre outras fontes, nos dão indícios das formas de viver e pensar no decorrer da história.

As produções acerca das historiografias locais vêm cada vez mais ganhando espaço no debate acadêmico, tendo-se em vista sua relevância histórica e social, sobretudo, como observa Melo (2015), devido a uma revisão na concepção de História Local ocorrida nas últimas décadas do século XIX e na primeira década do século XX, em que se passa a considerar novas vertentes para reflexão acerca da história local. Segundo a autora, a partir dessas mudanças

são consideradas novas dimensões, novos olhares, novos objetos e novas preocupações, especialmente em tributo aos protagonistas históricos até então silenciados, excluídos e alijados da historiografia oficial que, a partir de então, alcançam uma maior visibilidade nos processos históricos (MELO, 2015, p. 30).

Assim, através dessa nova configuração dos estudos em História Local, é possível refletirmos em torno de uma dada realidade, priorizando um novo debate com a presença de sujeitos sociais que, anteriormente, não eram visibilizados por uma história global. Além disso, Melo (2015) atenta para o fato da exploração da História Local apontar importantes evidências das particularidades de um grupo, pois “A construção e elaboração da história local podem ser reveladoras da realidade cotidiana das comunidades, no sentido de configurar e explicar os problemas por elas enfrentados” (MELO, 2015, p. 42).

Os estudos de história local têm enriquecido o debate historiográfico, principalmente no que concerne as pesquisas realizadas sobre as cidades, em que muitas vezes o bairro tem sido objeto de ampla análise pelos pesquisadores. Nesse sentido, podemos destacar alguns estudos realizados sobre bairros de diferentes localidades da Paraíba, que foram defendidos pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH-UFCG).

Na pesquisa de 2013 denominada “*A invenção de um lugar: vivências e memórias (n)da Favela da Cachoeira (Campina Grande 1959 – 2006)*”, Hilmária Silva discute acerca do processo de formação da Favela da Cachoeira de Campina Grande como um espaço habitado, refletindo sobre os significados construídos por seus moradores e os demais cidadãos de Campina Grande.

No estudo de 2014 intitulado “*Quando o apito tocava no Bairro da Liberdade: memórias e representações da SANBRA*”, Daniela Hangai reflete sobre o Bairro da Liberdade em Campina Grande a partir das memórias e representações construídas pelos trabalhadores da extinta fábrica SANBRA. Para isso, a autora utiliza como base as

memórias coletivas dos moradores do Bairro da Liberdade, sendo elas vivenciadas no contexto da fábrica ou de forma externa a ela.

Izabelle Oliveira em “*A cidade de Taperoá e o processo de higienização social: Liberdade, um bairro marcado pela segregação e marginalização (1930-1970)*”, dissertação defendida em 2015, analisa o contexto político e social vivenciado nas primeiras décadas do século XX em Taperoá – PB, pensando acerca dos elementos que agiram no processo de (des)territorialização do Bairro da Liberdade, atual Alto da Conceição, a partir de uma perspectiva higiênica.

Na dissertação “*Entre cartografias planejadas e desejadas: cartografias do Bairro das Malvinas – Campina Grande, PB*” defendida no ano de 2018, a autora Paula Lima discute acerca do processo de construção do conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz em Campina Grande. Para tanto, a autora reflete sobre esse Bairro como um espaço de habitação, mas também de muitas vivências que tem o seu significado reformulado a partir da ocupação feita pelos moradores para formação do Bairro das Malvinas, bem como a perspectiva do outro formada sobre o Bairro a partir das visões da mídia e da sociedade.

Nessa direção, neste trabalho pretendemos discutir acerca da formação do Bairro do Estado em Cubati – PB, ao mesmo tempo que tentamos identificar os fatores que contribuíram para a formação do estigma social em relação ao Bairro, por se tratar de uma comunidade periférica. E, além disso, refletimos sobre o processo de construção identitária sob o reflexo desses estigmas. Para pensarmos acerca dessa problemática delimitamos nossa temporalidade ao período de 1970 a 2015. Para isso, torna-se indispensável a reflexão acerca de alguns conceitos como o de memória, identidade e estigma social que serão abordados ao longo do texto e dividimos esse trabalho em quatro partes.

No primeiro capítulo denominado “*A trajetória acadêmica e os caminhos da pesquisa*” discorreremos acerca do percurso realizado ao longo da trajetória acadêmica em que as vivências experienciadas justificam as nossas escolhas por esse objeto de estudo. Além disso, ainda nesse capítulo, discutimos acerca dos procedimentos metodológicos adotados para a realização dessa investigação.

Já no segundo capítulo, que intitulamos de “*A cidade como produto: espacialidades e sociabilidades*” fazemos algumas reflexões teóricas sobre a cidade como objeto de estudo e discutimos acerca da formação da cidade de Cubati, desde a sua origem a partir da fazenda Canoas, passando pela sua emancipação e atingindo até o

seu processo de urbanização resultando na formação das primeiras regiões periféricas da cidade. Nesse sentido, embasamos nossas reflexões em autores como Bourdieu (1989), Lefebvre (2001), Pesavento (2002), Certeau (2009), Agra (2010), Rietveld (2010), Souto (2017).

Em seguida, no capítulo três, intitulado “*O Bairro do Estado em Cubati: sua origem e crescimento*” discutimos acerca da formação do Bairro na década de 1970 e as mudanças econômicas, estruturais e sociais ocorridas neste cenário até o ano de 2015. E, ainda, refletimos sobre a dinâmica social no Bairro a partir dos espaços de lazer e sociabilidades, dentre outros aspectos. Nossa discussão tem como base Bosi (1994), Pais (2002), Simmel (2006), Costa (2016), Pereira (2020), dentre outros.

Por fim, no capítulo quatro, “*A metamorfose das identidades em ‘tempos líquidos’*” refletimos acerca da construção identitária dos indivíduos moradores do Bairro do Estado a partir das memórias de vivências que foram experienciadas pelos sujeitos da pesquisa no contexto que abordamos, pensando em como os estigmas sociais construídos ao longo de nossa delimitação puderam influenciar no sentimento de pertencimento ao local e de coesão grupal. Para tanto, fundamentamos nossa análise com base em autores como: Goffman (1975), Ciampa (1989), Halbwachs (1990), Pollak (1992), Candau (2011), Giddens (2002; 2008) e Silva (2014).

CAPÍTULO 1

A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E OS CAMINHOS DA PESQUISA

*“A afetividade pode colorir até os cenários
mais cinzentos, pode trazer vida onde só há
a sobrevivência”.*

(Edyflar)

Ao longo de nossa vida construímos uma trajetória que carrega consigo muitos significados acerca das nossas escolhas de quem somos e de quem gostaríamos de ser. As nossas memórias agregam aos nossos espaços de vivência sentimentos que fazem com que estabeleçamos vínculos afetivos ou uma sensação de repulsa em relação ao contexto que estamos inseridos, devido a uma experiência negativa que tivemos em algum momento.

O nosso percurso autoral começa a se enraizar desde as nossas primeiras experiências, uma vez que a nossa história de vida é refletida nas nossas escolhas que fazemos e, conseqüentemente, no trajeto que escolhemos traçar para a nossa formação acadêmica e no campo investigativo.

Assim, o objeto de estudo construído a partir da problematização da pesquisa delineiam os caminhos que devemos seguir para a realização da investigação, sendo a escolha dos procedimentos metodológicos algo indispensável para a nossa investigação e a escolha adequada desses meios são condicionantes da eficiência ou da obtenção de resultados frustrados nas pesquisas que desejamos desenvolver.

Diante disso, nesse capítulo, buscamos apresentar o nosso percurso autoral que mostra como a proposta de investigação foi delineada ao longo da vida pessoal e acadêmica. E ainda discutimos acerca dos procedimentos metodológicos adotados na realização dessa investigação, bem como os desafios e limitações para a concretização dessa pesquisa.

1.1 HISTÓRIA DE VIDA E A ESCOLHA DO PERCUSSO ACADÊMICO: DOIS FATORES INDISSOCIÁVEIS

“a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos”.

(Adélia Prado)

A cidade como espaço de vivências e interações, perpassa o sentido material dando respaldo às sociabilidades e sensibilidades que constituem a tessitura urbana, como é asseverado por Pesavento (2007). Nessa direção, pensando a cidade como produto das interações dos sujeitos é possível concluirmos que a partir de suas vivências no cotidiano, eles a produzem ao mesmo tempo que usufruem dela, deixando suas

marcas e carregando consigo indícios do contexto em que estão inseridos. Isso é possível, já que “Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 133).

O simples caminhar pela cidade nos propicia vivências singulares que irão deixar marcas em nossas lembranças. As cenas que presenciamos, os lugares que visitamos, os sujeitos que conhecemos ou que simplesmente estão presentes em nosso percurso diariamente são peças fundamentais que dão significado às nossas memórias. Nesse sentido, a cidade se configura como um espaço de vivências e de memórias, mas que para percebermos os seus significados implícitos precisamos de uma percepção mais sensível para compreendermos o que ela tem a nos dizer e a nos ensinar. É nessa direção que Bezerra (2017) nos provoca para pensarmos acerca dos dilemas expressos pela geografia da cidade, segundo o autor,

A geografia de uma cidade é uma imagem-esfinge que desafia o nosso olhar e o nosso caminhar. Na cidade, construímos nossas relações sociais, nossa urbanidade. Nelas, encontramos uma rica didática urbana e uma educação geográfica. Porém, para a enxergarmos, primeiramente precisamos aprender a construí-la a partir de nossa prática espacial das caminhadas. A partir delas, podemos aprender a educar nosso olhar e também nosso passo, colocando-os num compasso: o geográfico (BEZERRA, 2017, p. 19).

Desde a minha infância a cidade de Cubati se consolidou como o meu lugar de vivência e cenário de momentos bastante significativos que fazem parte da minha memória até hoje. Experiências que foram capazes de me ensinar muito sobre a importância de viver em sociedade e o quanto as desigualdades sociais sujeitam as pessoas a viver em situações degradantes e em ambientes inóspitos. Além disso, as experiências vivenciadas em minha trajetória foram capazes de significar a minha escolha acadêmica e profissional.

Na epígrafe apresentada no início do texto, as palavras poéticas de Adélia Prado nos fazem refletir sobre a importância de nossas memórias para que momentos importantes que foram vivenciados ao longo de nossas vidas sejam perpetuados pelas lembranças que guardamos deles. Desse modo, mesmo com o passar do tempo, essas experiências ficam marcadas em nossa memória por estarem atreladas ao campo afetivo. As memórias de quem fomos, dos sujeitos que passaram por nossas vidas e dos caminhos que trilhamos em nossa trajetória são constantemente lembradas por nós e são condicionantes para a formação de quem somos.

A escolha do percurso que vamos trilhar durante a nossa trajetória acadêmica é uma decisão difícil, que muitas vezes ocasiona encontros e desencontros em nossas vidas. Assim, ao longo desse itinerário percorremos caminhos desconhecidos que nos mostram novas alternativas de pesquisa, despertando o nosso olhar investigativo para outros campos e, conseqüentemente, as nossas escolhas podem significar a abdicação de desejos que anteriormente eram prioritários.

Nasci em Cubati e durante toda a minha vida construí muitas memórias afetivas sobre a cidade, mais precisamente em relação ao Bairro do Estado, que se estabeleceu como o meu principal lugar de afeição. Nesse sentido, a Geografia Humanista compreende o lugar como uma categoria constituída no campo afetivo, isso é destacado por Suess e Ribeiro (2017) quando ressaltam que o lugar é

o local que possui significados construídos por indivíduos e/ou grupos sociais, portanto, envolve amor e ódio, acordos e desavenças, ambigüidade e ambivalência, segurança e liberdade, experiência e dia a dia, superficialidade e profundidade, pessoas e objetos, espaço material e imaterial, vida e morte, luz e escuridão, sendo assim, é um local conhecido por suas referências, é particular e/ou compartilhado, é um centro reconhecido de valor e feições (SUESS; RIBEIRO, 2017, p. 3).

Desse modo, o sentido do lugar é construído de forma individual ou coletiva e tem relação com as experiências que mantemos nesse local e os significados que se formam a partir das relações sociais que se estabelecem, seja de uma forma positiva ou negativa.

No percurso que eu fazia todos os dias de casa até a escola com meus pais e o meu irmão, era possível visitar diferentes contextos da cidade de Cubati, desde o Bairro do Estado até a Rua José Faustino, local em que ficava a escola que eu estudava. Assim, durante o caminho encontrávamos pessoas que iam e vinham, ocupadas com seus afazeres, muito embora a pressa do cotidiano era comum os cumprimentos e saudações.

Ao realizar esse percurso cotidianamente era possível percebermos as diferenças e as semelhanças explícitas existentes entre as ruas da cidade, as singularidades de cada uma era notada pelos tipos de moradias, os estabelecimentos comerciais, os sujeitos que habitavam nesses locais. Além disso, era nítida a discrepância social vivenciada pelas pessoas de uma mesma cidade, muito embora a percepção pelo olhar de uma criança. Assim, desde a infância já me inquietava com as desigualdades sociais presentes na tessitura da cidade e com os discursos preconceituosos construídos socialmente sobre o Bairro do Estado, principalmente, em relação aos sujeitos que ali viviam.

Enquanto isso, me encantava em ouvir as histórias contadas sobre a origem deste Bairro, em que por meio dos relatos eu conseguia construir através da imaginação representações imagéticas de fatos que não havia vivenciado. Histórias reais, vividas por outros sujeitos em diferentes contextos, narrativas constituintes de memórias afetivas, repletas de sentimentos, capazes de despertar a sensibilidade e as emoções de qualquer ouvinte.

Diante disso, a partir da memória do narrador, eu podia conhecer histórias sobre a origem do Bairro do Estado e guardava comigo um pouco de muitos sujeitos que ali edificaram suas vidas. Isso foi possível já que, segundo Tedesco (2004, p. 36), “A memória, por meio da narração, reafirma sua força de transmissão, pois, para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que possa se inserir nova vida em uma tradição comum”. Assim, muitas das minhas lembranças de infância estão atreladas às memórias que guardo sobre essas narrativas acerca do Bairro do Estado.

O Bairro do Estado encontra-se situado na cidade de Cubati - PB e teve sua origem por volta da década de 1970, em condições bastante precárias nas imediações de um depósito de lixo, responsável por receber todo o descarte de resíduos provindos da região urbana da cidade. À vista disso, a comunidade do Bairro do Estado viveu durante muito tempo marcada por um estigma social que foi construído historicamente e que afetou diretamente a vida desses sujeitos, abalando o sentimento de pertencimento ao local e, conseqüentemente, sendo um fator condicionante para a construção da identidade social desses indivíduos.

E é a partir dessas memórias que começo a despertar o meu olhar sensível para as desigualdades sociais. Com isso, também cresce minha inquietação para tentar contribuir de alguma forma para melhorar a vida das pessoas que ali moravam. E foi assim que no ano de 2013, ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) com a pretensão de me formar professora e poder contribuir com a educação brasileira e, assim, poder ajudar na redução das desigualdades sociais.

Nesse sentido, torna-se indispensável pensarmos acerca da importância das histórias de vida para a formação profissional, uma vez que nossas histórias dizem muito sobre nossas escolhas e possibilitam a construção de nossas identidades e permitem a criação de conhecimentos relevantes, já que, segundo Josso (2007, p. 419),

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de

tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

À vista disso, o conhecimento sobre si e sobre o mundo a nossa volta possibilita reflexões importantes para compreendermos outras realidades, mesmo que um pouco distinta da que vivenciamos. Além disso, nossa vida pessoal se configura como uma parte importante do nosso processo formativo, já que não é possível definirmos nossas escolhas nos distanciando de nossa vida.

No início da graduação, a pesquisa acadêmica já despertava minha atenção, mas ainda não imaginava que iria me interessar pela pesquisa em História, já que ainda não tinha muita afinidade pela área, devido a algumas lacunas herdadas da educação básica. A história estudada na escola pautada em uma abordagem pedagógica tradicional, implementada através da repetição e da intensa necessidade de decorar datas e nomes de sujeitos importantes não foi capaz de despertar em mim o interesse em estudar história, já que se tratava de vivências muito distanciadas da realidade que eu vivenciava.

A partir dos estudos sobre história de vida e do bairro desenvolvidos na disciplina de História II na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, componente curricular do curso de Pedagogia da UFCG, comecei a me interessar pela História tendo-se em vista que essa disciplina dava abertura para uma experiência mais significativa, abordando uma possibilidade de história mais próxima e atrelada as experiências pessoais. Isso é possível, já que o bairro se constitui como espaço de muitas memórias afetivas, pois como destaca Certeau (1996, p. 44), “o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública”.

Após a conclusão do curso de Pedagogia, no ano de 2019, ingressei no curso de pós-graduação em *Estudos em História Local: Sociedade, Educação e Cultura* na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o qual aguçou meu interesse pela pesquisa em História, a partir da possibilidade de pesquisar sobre o Bairro do Estado. O curso de especialização em Estudos em História Local trouxe grandes contribuições para a minha formação acadêmica e fortaleceu a minha escolha em enveredar pelo campo da pesquisa historiográfica e por esta investigação, pois ao longo das disciplinas, tive a oportunidade de conhecer alguns teóricos da História que estimularam a minha apreensão acerca das problemáticas sociais inerentes a pesquisa que desenvolvo.

No desenvolvimento da pesquisa da especialização, que deu origem a essa investigação, foi possível compreender o quanto os estigmas sociais construídos acerca do Bairro do Estado influenciaram na construção identitária dos moradores da localidade, já que o imaginário social é capaz de interferir severamente na percepção individual e coletiva dos sujeitos.

Contudo, é importante salientarmos que a realização dessa investigação inicial foi muito difícil, tendo-se em vista que ela foi realizada no ano de 2020, momento em que o mundo enfrentava os desafios impostos pela pandemia da COVID-19. Diante disso, foi muito difícil a realização das entrevistas e aproximação dos sujeitos da pesquisa devido a necessidade de distanciamento social. Além disso, a pesquisa em arquivos municipais também não foi possível, já que o acesso a esses espaços ficou bastante limitado nesse momento.

Muito embora todas as limitações, conseguimos realizar as entrevistas mantendo todos os cuidados previstos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para combate ao vírus. Mas isso só foi possível devido ao empenho e interesse dos sujeitos da pesquisa em compartilhar conosco suas memórias e vivências participando das entrevistas.

Para mais, o processo de escrita é uma atividade árdua e muitas vezes enfadonha que requer muito esforço e dedicação de quem pretende escrever. Os nossos escritos são evidências concretas do que sentimos e vivemos, assim, ao escrevermos expomos nossos sentimentos mais íntimos, ao mesmo tempo em que oferecemos indícios de quem somos e o que defendemos. Nessa direção, Silveira e Ferreira (2013, p. 254) destacam que

Quando escrevemos habitamos um espaço, uma folha em branco, uma linha do caderno, a linha inexistente da tela do computador, que só será marca 'real' depois de impressa. Mas não importa a forma deste espaço se, de todo modo, o habitamos. Escrevemos, desenhamos, deixamos marcas. Inventamos um espaço para ser, deixar nosso rastro, nossa ideia, nosso desejo, nossa marca, que é, portanto, um modo de subjetivação de si.

Dessa forma, refletir e dissertar sobre a cidade em que vivemos nos remete a buscar em nosso interior lembranças de quem fomos, ao mesmo tempo em que nos incita a pensarmos acerca dos sujeitos que nos tornamos, já que muitas vezes nossas escolhas investigativas se originam e crescem enraizadas em nossas vidas.

Ainda nesse sentido, para refletirmos sobre a cidade é necessário que elaboremos estratégias e utilizemos o suporte de fontes que nos direcionem ao longo de

nossa pesquisa. Para isso, no próximo tópico, discorreremos acerca dos procedimentos metodológicos que adotamos na realização dessa investigação.

1.2 A FOTOGRAFIA E A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE PESQUISA

“A história é testemunha dos séculos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado”.

(Cícero)

As inovações decorrentes da revolução industrial proporcionaram diversos avanços nas ciências entre os quais a fotografia que em poucas décadas se torna uma das principais ferramentas para o desenvolvimento de pesquisas. Ao passar os anos este recurso se aprimora ao ser incorporado com o desenvolvimento informacional e passa a ser caracterizado como um método de pesquisa (BUCHANAN, 2001) possibilitando ao homem a possibilidade de conhecer realidades diferentes que não estão ao alcance dos seus olhos em tempo real (KOSSOY, 2020).

Durante muito tempo, os documentos textuais foram considerados fontes privilegiadas no campo da historiografia. Em virtude disso, as fontes imagéticas, inclusive as fotografias, não recebiam muito respaldo, ficando assim em segundo plano e sendo muitas vezes percebidas como uma mistura entre realidade e ficção (LIMA; CARVALHO, 2011). Dessa forma, as imagens não recebiam muita credibilidade, por estarem sujeitas a ser uma produção do imaginário e não se constituir em algo real.

Ao longo da história, a fotografia como objeto de análise foi compreendida em diferentes perspectivas. De acordo com Dubois (1993), a partir do início do século XIX a fotografia é percebida como um “espelho do real”, isto é, a representação fotográfica é compreendida neste momento como uma cópia do real com exatidão. Já a partir do século XX a imagem fotográfica começa a ser interpretada como uma transformação do real, fazendo com que a imagem deixasse de ser compreendida como uma cópia neutra passando a ser “um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real” (DUBOIS, 1993, p. 26). Diferentemente das concepções anteriores, o autor ainda destaca a percepção da fotografia como traço de um real, ou seja, nesta perspectiva a fotografia traz indícios reais de modo singular ou particular (DUBOIS, 1993).

De acordo com Kossoy (2020), as fotografias não devem ser vistas como meras ilustrações para o texto, pois elas contêm informações indispensáveis para a investigação, já que “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 2020, p. 36).

No entanto, é importante salientarmos que, ainda de acordo com Kossoy (2020), a fotografia não é capaz de realizar a reconstituição dos fatos vivenciados anteriormente, pois “A fotografia ou um conjunto de fotografias apenas congelam, nos limites do plano da imagem, fragmentos desconectados de um instante da vida das pessoas, coisas, natureza, paisagem” (KOSSOY, 2020, p. 129). À vista disso, o autor ressalta que ao analisar a imagem fotográfica o pesquisador tem o papel de interpretá-la como uma informação descontinuada da vida passada.

Assim, para que possamos conhecer a realidade expressa através da fotografia é indispensável fazermos uma exploração bem detalhada perpassando o sentido visível na imagem, pois “Todo o processo de produção da imagem, de sua apropriação, preservação e utilização, de sua observação e interpretação é permeado por elementos ideológicos da concepção de realidade e da visão de mundo de cada um dos sujeitos envolvidos” (CIAVATTA, 2002, p. 36).

A escolha e análise das fotografias foi feita com base na problemática da investigação, uma vez que segundo Lima e Carvalho (2011, p. 45) “diante de fontes fotográficas, o historiador não pode prescindir de métodos de análise que partam das especificidades da imagem, mas que devem alcançar sempre uma perspectiva plural, quer dizer, relacionando-a com outras”. Assim, torna-se indispensável a exploração de diferentes fotografias, bem como a utilização de outras fontes na realização da investigação.

As imagens trazem consigo muitas informações acerca de um momento passado, apesar de se tratar de um fragmento do real, que na maioria das vezes perde o seu caráter dinâmico por não ser um registro de uma experiência espontânea, mas algo organizado de modo a representar o que o fotógrafo está interessado em registrar (KOSSOY, 2020). Dessa forma, Kossoy (2020, p. 119) destaca que “Os conteúdos dessas imagens mostram assuntos geralmente bem organizados em sua composição e aprioristicamente petrificados, antes mesmo do congelamento fotográfico”.

Nessa direção, Lima e Carvalho (2011) destacam que o exercício de análise das imagens se configura como um processo que requer dois tipos de leitura, são elas:

A primeira leitura – a análise morfológica – diz respeito ao que é próprio desse tipo de fonte visual – seus atributos formais expressos bidimensionalmente e assentados em um sistema de representação, no caso, o sistema perceptivo. A segunda leitura [...] diz respeito aos contextos de produção e circulação e envolve inúmeros aspectos, desde as motivações do fotógrafo, condições materiais da imagem produzida [...] até os desdobramentos da circulação – as formas de apropriação que sempre implicam ressignificações (p. 45-46).

Assim, a interpretação de imagens envolve a análise não apenas do que está representado, mas também dos aspectos referentes ao contexto de produção e preservação desse objeto fotográfico, uma vez que esse processo que abrange a criação e conservação dessa fonte imagética possui muitos significados implícitos que apenas a partir de uma análise minuciosa pode ser revelado.

À vista disso, muito embora a relevância das fotografias nas pesquisas em história, é preciso estarmos atentos ao fato de que a análise efetiva dessas fontes exige a exploração de informações de outras naturezas distintas da imagética. Isso é enfatizado por Kossoy (2011) ao destacar que “O exame das fontes fotográficas jamais atingirá sua finalidade se não for continuamente alimentado de informações iconográficas (necessárias aos estudos comparativos) e das informações escritas de diferentes naturezas” (KOSSOY, 2020, p. 84).

Em consonância a isso, Aires (2013) chama nossa atenção para a importância do cruzamento de fontes para o fazer historiográfico, pois “A foto é apenas uma fonte que precisa ser indagada, mas ela não fala sozinha assim como pouco dirá se não usufruirmos a documentação escrita, dos relatos orais e dos objetos constituintes da cultura material” (AIRES, 2013, p. 245).

Nesse sentido, além dos registros fotográficos, as fontes orais também se tornaram indispensáveis nessa investigação. As entrevistas foram realizadas com base em roteiro semiestruturado – ver apêndices 2. A escolha dos participantes da pesquisa se deu com base nos seguintes quesitos: os indivíduos internos a comunidade foram escolhidos pelo maior tempo residindo na localidade ou que obtiveram alguma designação de representação coletiva.

Para mais, destacamos que os participantes das entrevistas tiveram pleno acesso as informações referentes a pesquisa, bem como tiveram garantidos os princípios da ética de pesquisa sendo a realização aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP/HUAC) a partir da certidão CAE – ver anexo 1. Diante disso, as identidades dos sujeitos serão preservadas, com base nos princípios éticos da pesquisa.

Devido a pesquisadora já ter um conhecimento prévio com os sujeitos da pesquisa, isso facilitou as relações entre o entrevistador e entrevistando, pois os mesmos não criaram nenhum empecilho para a participação das entrevistas, estando sempre de prontidão para contribuir com a realização dessa pesquisa.

Entretanto, foi possível constatar que o fato de os sujeitos da pesquisa não terem um nível de instrução escolar elevado fez com eles sentissem como se não tivessem algo relevante para contribuir com a investigação, o que não prejudicou as entrevistas, visto que com o desenvolvimento das entrevistas os sujeitos se sentiram mais confiantes percebendo a sua importância para a realização desta pesquisa.

Realizamos cinco entrevistas com moradores do Bairro do Estado que nos propiciaram informações importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido, mediante a relevância de suas contribuições, torna-se indispensável falarmos um pouco desses sujeitos para que possamos compreender as relações que mantêm com o Bairro e como se deu a chegada deles a essa localidade para estabelecer moradia.

O entrevistado Severino Rodrigues¹ tem 40 anos e desenvolve sua profissão na marcenaria, muito embora atualmente seja representante da população frente ao poder legislativo municipal. Ele é morador do Bairro desde o ano de 1985 e viveu desde a infância até hoje no local. Filho de mãe solteira, veio morar com a família no bairro, pois não tinham moradia própria e viviam em casas alugadas.

Já o entrevistado Antônio Costa¹, tem 80 anos, é agricultor e mora no bairro desde os primórdios. Após residir em diferentes localidades do estado da Paraíba, procurava um lugar tranquilo para viver até chegar a Cubati onde estabeleceu morada até hoje. A partir de sua fala pudemos ter um panorama de como era o Bairro do Estado e as principais mudanças que o bairro sofreu ao longo dos anos.

O entrevistado José Silva¹, 40 anos, é estudante do ensino superior e desde sua infância reside no Bairro do Estado em Cubati juntamente com a sua família. Ao longo da entrevista nos relatou sobre a vida simples e cheia de obstáculos vivenciada por ele e sua família, mas que mesmo com o sofrimento revela ter muitas memórias afetivas com o Bairro do Estado.

Manoel Sousa¹, 41 anos, reside no Bairro do Estado desde o seu nascimento. Em seus relatos nos apresentou a vida simples e sofrida que levou com sua família, mas que

¹ Nome fictício adotado visando a preservação das identidades dos sujeitos da pesquisa.

faz questão de destacar a importância do Bairro do Estado para ele ter se tornado a pessoa quem hoje é.

Já Arlinda Batista¹, 64 anos, moradora do Bairro do Estado desde a década de 1980 nos relatou sobre as dificuldades que enfrentou na criação dos seus filhos devido aos poucos recursos que tinha e sem ter ajuda de outra pessoa. Mas também compartilhou conosco as memórias das alegrias que experienciou no decorrer de sua vida no Bairro do Estado.

Durante muito tempo a historiografia foi construída com base em documentos oficiais e a sobreposição dos grandes personagens sociais e políticos, fazendo com que as pessoas pertencentes as classes inferiorizadas socialmente tivessem seu papel reduzido. Nesse sentido, de acordo com Thompson (1992), a história oral traz a possibilidade de uma construção historiográfica mais neutra, tendo-se em vista que terá a contribuição de diferentes sujeitos da sociedade, pois, segundo o autor

as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo (p. 26).

Logo, com a colaboração de sujeitos de diferentes segmentos sociais é possível conhecer uma determinada realidade de forma mais esmiuçada. Além disso, os relatos memoriais enriquecem a pesquisa historiográfica, pois como pontua Meihy e Holanda (2013, p. 26), “a história oral se mostra fator significativo, meio de manter a experiência passada em estado de ‘presentificação’”. Desse modo, a história oral oportuniza que detalhes importantes de uma determinada realidade permaneçam vivos através dos relatos e que contribuam com as produções historiográficas concernentes a esse contexto.

Diante disso, a história oral se constitui em um importante mecanismo de pesquisa, pois, de acordo com Thompson (1992) “A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON, 1992, p. 137).

Com isso, compreendemos que a história oral possibilita ao pesquisador o acesso a uma imensidão de detalhes, que poderão contribuir significativamente para uma produção historiográfica, tendo os sujeitos da pesquisa como personagens principais

desse processo. Assim, a história oral permite a visibilidade de sujeitos desconhecidos como construtores da história, pois

é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...]. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 1992, p. 44).

Como vemos a história oral oportuniza que a história seja construída de forma próxima aos sujeitos, possibilitando que os indivíduos inferiorizados socialmente contribuam com essas produções historiográficas, por meio da exposição do seu ponto de vista sobre os fatos que compõem suas vidas. Desse modo, os depoimentos dão consistência à história, pois, como é destacado por Silva (2015), “os relatos orais de memória são construções de representações que dão significado ao real vivido, ao espaço habitado, às práticas efetuadas por ações individuais e coletivas” (SILVA, 2015, p. 27).

Para mais, na realização desta pesquisa foi indispensável a análise de alguns documentos que trazem informações pertinentes a problemática explorada. Como fontes documentais refletimos sobre os dados informativos presentes no jornal “A Folha de Cubati” (1995) que em sua edição especial apresenta informações relevantes sobre a história de Cubati. Utilizamos também a edição da Revista Avante de 1972 e o livro “Eles fazem o futuro” (1985) do Jornal Tratado dos Municípios, que muito embora o seu teor ideológico e político, nos dá indícios da realidade dos municípios através dos feitos políticos na temporalidade abordada. Além disso, utilizamos também como fontes documentais as sinopses do censo demográfico correspondentes ao recenseamento dos anos de 1960, 1970 e 1980, que nos mostram o crescimento populacional e o desenvolvimento da cidade.

Por fim, as reflexões teóricas também foram essenciais principalmente no que concerne às considerações que nos embasam para pensarmos sobre a constituição da cidade como resultante das interações entre o espaço, os sujeitos e as relações sociais, em que nos fundamentam autores como Bourdieu (1989), Lefbvre (2001), Jodelet (2001), Pesavento (2007), Foucault (2021), Goffman (2021), dentre outros. Já para discutirmos sobre a formação de Cubati como cidade e sobre o Bairro do Estado utilizamos como embasamento as contribuições de autores como: Medeiros (s./d.), Souto (s./d.), Agra (2010), Rietveld (2010), Costa (2016), Souto (2017) e Pereira

(2020). E para pensarmos acerca da formação das identidades utilizamos autores como Ciampa (1987), Dubar (2010) e Giddens (2008).

CAPÍTULO 2

A CIDADE COMO PRODUTO: ESPACIALIDADES E SOCIABILIDADES

*“As metáforas (espaciais) de ‘centralidade’
e ‘periferia’ são imperceptivelmente
empregadas para tornar claras
determinadas relações de poder”.*

(José D’Assunção Barros)

Ao analisarmos a cidade em sua integralidade é possível constatar que a separação entre centro e periferia vai muito além de uma simples classificação espacial. Elas denotam as especificidades de diferentes configurações do viver urbano e, conseqüentemente, formas singulares de usufruir do direito à cidade pelos sujeitos que fazem parte desses contextos.

Nas páginas que se seguem discutimos acerca da cidade como objeto de reflexão, ao mesmo tempo em que procuramos identificar os fatores que influenciam as relações estabelecidas socialmente e que moldam as relações de poder estabelecidas nesse âmbito.

Além disso, ao pensarmos sobre a cidade, trazemos para a nossa análise neste capítulo, o processo histórico da formação da cidade de Cubati, em que abordamos desde a origem da cidade a partir da Fazenda Canoas, passando pelo seu desenvolvimento até a emancipação política. Nessa direção, ainda refletimos sobre a transição de uma cidade rural até a sua urbanização e o surgimento das primeiras regiões periféricas.

2. 1 REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DA HISTORIOGRAFIA DAS CIDADES

“a cidade não é mais considerada só como um locus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais”.

(Sandra Jatahy Pesavento)

A cidade traz em sua tessitura elementos que nos direcionam para a reflexão dos fatores que condicionam as relações sociais, bem como o processo de categorização social e exclusão dos indivíduos de certos espaços e vivências. Desse modo, “A cidade não é simplesmente um fato, um dado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento” (PESAVENTO, 2002, p. 10).

As discussões teóricas acerca das cidades já estão presentes desde muito anos no campo da historiografia, desse modo, esses estudos possibilitaram a exploração de um

objeto de investigação muito amplo, atendendo a perspectiva do olhar de diferentes pesquisadores. No entanto, segundo Pesavento (2007), é apenas em 1990 a partir de uma emergência no campo da história cultural, que a cidade passa a ser vista por uma vertente atrelada ao campo das sensibilidades.

À vista disso, a autora destaca que a cidade em sua integralidade deve ser compreendida muito além de sua materialidade, pois bem mais do que a parte concreta, é possível explorarmos as sociabilidades por meio das relações estabelecidas pelos sujeitos e refletirmos sobre os aspectos sensíveis intrínsecos ao contexto explorado. Isso é possível, já que

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Dessa forma, ao pensarmos sobre a cidade é indispensável que não a compreendamos como algo isolado, mas como uma rede composta por uma diversidade de fatores que estão atrelados a tessitura urbana, que enaltecem o processo dinâmico da cidade a partir das relações sociais e os significados produzidos nessa conjuntura. Nesse sentido, Certeau (2009) nos provoca a pensarmos sobre a cidade como resultante de ações realizadas pelos praticantes ordinários do local, são eles

caminhantes, pedestres, *wandersmanner*, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra (p. 159).

Portanto, de um modo natural, os sujeitos sociais vão moldando os contornos da cidade a partir de suas vivências cotidianas, em que os passos executados por eles projetam trajetórias constituintes das histórias da cidade. Nesse sentido, Certeau (2009) destaca que “os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá)” (p. 163). Isto é, o autor associa o caminhar com uma forma de enunciação, já que os passos possuem significados que o distanciam de atos

mecânicos, sugerindo trajetórias que muito tem a revelar sobre os sujeitos e seus espaços de vivência.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre as proposituras do tecido urbano, é possível que não tenhamos uma ideia clara dessa metáfora, pois segundo Lefebvre (2001), “Mais do que um tecido jogado sobre o território, essas palavras designam uma espécie de proliferação biológica e uma espécie de rede de malhas desiguais, que deixam escapar setores mais ou menos amplos: lugarejos ou aldeias, regiões inteiras” (p. 18). Dessa forma, quando nos referimos ao tecido urbano não nos restringimos a um fragmento inerte e sem vida, apenas com a sua materialidade, mas com diferentes personagens que através de suas experiências vão demarcando as sociabilidades na cidade e com suas vivências constituindo as sensibilidades presentes nesse contexto.

Então, quando pensarmos sobre a cidade, os sujeitos sociais e o modo de viver urbano é possível identificarmos traços significativos de vivências coletivas, uma vez que, segundo Lefebvre (2001), a cidade mantém um caráter orgânico de comunidade que é preservado do modo de viver em aldeia. O viver em comunidade nos sugere algo mais íntimo, cômodo, capaz de nos propiciar a sensação de conforto e proteção, já que segundo Bauman (2003, p. 7), “a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado”.

No entanto, Bauman (2003) atenta para o fato de que a comunidade ainda é algo distante para nossa vida em sociedade, muito embora seja algo desejado por todos, mas que devido a sua delicadeza ainda não é possível vivê-la na íntegra. Sobre isso o autor pontua que “‘comunidade’ é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance - mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir” (BAUMAN, 2003, p. 9).

Sendo assim, o viver em comunidade nos sugere uma coesão de grupos sociais que enaltece o elo entre os sujeitos. Entretanto, o viver coletivo também abarca a possibilidade da presença de conflitos intergrupais e intragrupos, que podem abalar ou fortalecer os vínculos dos sujeitos com o seu lugar de vivência. Isso é possível já que “A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade” (LEFEBVRE, 2001, p. 22).

Nessa direção, Bourdieu (1989) destaca a ideologia como uma produção simbólica e um instrumento de dominação, em que o ponto de vista ideológico é

resultante de uma coesão grupal, pois “As ideologias, [...] produto colectivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (p. 10). À vista disso, o autor ainda destaca que a cultura dominante possibilita a ocorrência de uma integração real da classe dominante, enquanto a classe dominada passa por uma integração fictícia, fragilizada pela desmobilização coletiva e resultando em uma falsa consciência de classe.

Tomando a cultura dominante como um elemento social central, Bourdieu (1989) ressalta ainda que “a cultura que une [...] é também a cultura que separa [...] e que legitima as distinções compelindo todas as culturas [...] a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (p. 11). Por isso, podemos perceber uma classificação social hierarquizada que distancia os sujeitos, dividindo-os em grupos sociais com interesses distintos.

De fato, o viver na urbe nos proporciona a reflexão sobre as formas do viver e pensar na/e sobre a cidade. Diante disso, a História Cultural dá uma abertura para essa análise, “tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2004a, p. 48).

Assim, quando nos debruçamos sobre a cidade como objeto de estudo é importante discutirmos acerca de alguns conceitos inerentes à História Cultural. O primeiro deles é o conceito de representação. As representações, segundo Pesavento (2004a), seriam uma espécie de projeção de algo ausente, isto é, longe de algo perfeito, a representação estaria atrelada a uma construção feita a partir do real. Como exemplo bastante corriqueiro disso, podemos destacar as fotografias que, muito embora, possam nos apresentar indícios de algo real, elas não se constituem como uma cópia perfeita, mas o produto capturado pelas lentes do fotógrafo, como pontua Kossoy (2020, p. 41) ao dizer que “a fotografia, é [...] resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia”.

Da mesma forma que a fotografia, as demais construções representativas são produzidas e trazem consigo diversos significados implícitos, isso faz com que elas possuam uma carga simbólica, ou seja, “dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão” (PESAVENTO, 2004a, p. 41).

Nesse sentido, as representações são construções que emergem das experiências individuais e coletivas e são capazes de influenciar significativamente as práticas sociais, já que

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2004a, p. 39).

Dessa maneira, através das representações é possível que os sujeitos consigam dar sentido ao que é vivenciado ou explorado em outro momento. À vista disso, Jodelet (2001) atenta para a importância das representações na vida cotidiana, pois, segundo a autora “Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (p. 17). Assim, as representações sociais “circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais” (JODELET, 2001, p. 17-18).

A partir disso, podemos levantar alguns questionamentos: Mas qual seria esse tipo de discurso? Que tipos de representações se encontram incorporadas nele? Quem são os sujeitos aptos a proferi-los?

Nessa direção, Foucault (1996, p. 9) destaca que a produção do discurso é condicionada pelo poder que circula na sociedade, já que ela “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade”.

Sandra Jatahy Pesavento em sua obra “*Os pobres da cidade*” reflete sobre a construção da imagem do sujeito pobre no cenário francês do século XIX. Assim, as desigualdades sociais presentes no contexto abordado denotam uma imagem do pobre desvalorizada, atrelada a padrões estereotipados envolvendo conteúdos morais, étnicos e de raça. Dessa forma, a autora destaca que no contexto explorado, a figura do negro era vista como o malfeitor, o mestiço ou mulato seria o “Zé Povinho” e o sujeito com a fisionomia imigrante europeia seria o detentor da imagem do sujeito trabalhador. Diante disso, a autora frisa que

Estereotipadas, tais imagens presentificam uma determinada faceta do real, tal como é vista e representada pelos indivíduos. Há que ter em conta que a autenticidade das imagens não se mede pela sua veracidade ou aproximação com o "real concreto". As imagens precisam ter a "aparência" da verdade, precisam convencer que aquele é o real. Desta forma, é na sua aceitação e capacidade mobilizadora que se mede a eficácia das representações, sejam elas imagens ou discursos (PESAVENTO, 1994, p. 9).

Nesse sentido, muitas vezes, a representação da imagem do pobre é construída com base em preceitos estereotipados que se multiplicam e dão consistência ao imaginário social do contexto que fazem parte. Ainda de acordo com Pesavento (2004a), o imaginário social pode ser entendido como “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (p. 43). Assim sendo, o imaginário se constitui social e historicamente, sendo um fator determinante nas sociabilidades e condicionando a construção identitária dos sujeitos. Nessa mesma perspectiva, Baczko (1985) salienta que

através dos imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. (BACZKO, 1985, p. 309).

O imaginário social pode ser uma ferramenta capaz de produzir a coesão ou o conflito de um grupo e, além disso, tendo-se em vista que ele não é algo estático, podemos inferir que o imaginário de um grupo pode ser influenciado pelas ideias e crenças defendidas por outro agrupamento, como é destacado por Pesavento (1994) quando ela diz que “cada grupo social pode construir a sua rede de significados simbólicos, mas isto não deve levar a acreditar que os mesmos sejam incomunicáveis e não se interinfluenciem” (PESAVENTO, 1994, p. 14). Dessa forma, os grupos produzem significados singulares, mas influenciam e podem ser influenciados pela perspectiva do outro.

Logo, a partir da construção das representações sociais, o viver coletivo pode suscitar na ocorrência de conflitos causando a formação e fortalecimento de grupos, bem como a padronização dos sujeitos que poderão adentrar em certos espaços e as formas de socialização desses indivíduos em ambientes determinados. Mediante as dinâmicas interpessoais é possível que um grupo se destaque transparecendo uma certa superioridade social.

Quando refletimos sobre a cidade é indispensável ainda pensarmos como se constitui o espaço e de que modo as relações sociais implicam nessa constituição. Assim, para Santos (2021),

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre eles especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (p. 79).

Os elementos que constituem o espaço são condicionantes para a sua própria produção e existência e isso faz com que o espaço seja reflexo das interações sociais. Nesse sentido, é importante salientar que “Nas cidades brasileiras, a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora” (DAMATTA, 1997, p. 29). Dessa forma, existe uma separação que atribui ao espaço uma delimitação constituída hierarquicamente, em que o centro seria o lugar mais superior nessa cadeia, enquanto as demais localidades da cidade em que residem as pessoas com uma renda mais baixa seriam consideradas inferiores.

Desse modo, dentre outros aspectos, a separação espacial estabelecida na cidade influencia no modo de viver, conseqüentemente, as formas de convivência construídas socialmente corroboram para a categorização das pessoas que estão inseridas na sociedade. Isto posto, na medida em que são estabelecidas as formas de categorização social ocorre gradativamente a marginalização de sujeitos que não serão bem aceitos em determinados ambientes devido aos padrões estabelecidos dentro desse contexto. Isso é evidenciado por Goffman (2021) quando ele destaca que

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontrada (GOFFMAN, 2021, p. 11-12).

Isso é possível já que o poder é um elemento condicionante das relações sociais, fazendo com que os contornos sociais possibilitem a estigmatização social de alguns grupos. Entretanto, como sugere Foucault (2021), é importante pensarmos o poder como uma rede, pois, segundo o autor

tomar o poder como fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder [...] não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que

não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem (FOUCAULT, 2021, p. 284).

Segundo Goffman (2021), o termo estigma teve sua origem vinculada aos povos gregos. Os gregos utilizavam esse termo para referenciar os sinais corporais que anunciavam algo extraordinário ou atrelado ao que seria considerado mau de acordo com a moral vigente. Esses sinais eram produto de uma avaliação social e eram provocados por cortes ou fogo e fazia com que o sujeito fosse considerado “uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada, especialmente em lugares públicos” (GOFFMAN, 2021, p. 11).

Ainda segundo Goffman (2021), já na Era Cristã, o termo estigma ganha dois significados metafóricos, o primeiro era o sinal de graça divina, enquanto o segundo se referia a um significado clínico, como um sinal que estaria atrelado a algum distúrbio físico. O autor pontua que atualmente o estigma traz consigo um significado associado ao original, mas como o autor destaca, o termo estigma “é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal” (GOFFMAN, 2021, p. 11).

Diante disso, é possível percebermos que o estigma carrega consigo um peso ofensivo em seu significante. Entretanto, é possível que uma característica que inferioriza um sujeito em determinado contexto possa sugerir algo comum em outro. Assim sendo, não podemos dizer que apenas os atributos que o sujeito detém podem acarretar em estigmatização. O ambiente em que ele está inserido vai ser um fator preponderante desse processo. Nesse sentido, Goffman (2021, p. 13) destaca que

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso.

Dessa forma, a construção do estigma estará atrelada às características dos sujeitos, mas também vai depender do contexto, isto é, o ambiente social e as relações estabelecidas vão condicionar essa estigmatização do sujeito. Nessa direção, ao pensarmos sobre o lugar social ocupado pelos sujeitos pobres é possível perceber que muitas vezes eles enfrentam desafios para ser inseridos socialmente, acarretando assim na marginalização social dos grupos menos favorecidos socialmente.

Em “*A escória do mundo*” a autora Eleni Varikas discute acerca da construção social da figura do pária e os significados atribuídos sobre ele em diferentes contextos

sociais. Segundo a autora, o pária não estaria presente apenas nas sociedades de castas, mas em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, a partir de um significado metafórico, o pária seria um sujeito marcado pela exclusão social e impossibilitado de viver dignamente. Assim, a autora destaca que

A figura do pária remete, inicialmente, a uma condição social objetiva, que combina a exclusão e o repúdio por uma sociedade ou uma comunidade com o desprezo, a rejeição e a vergonha que os acompanham. Essa condição é sustentada por leis, rituais e barreiras invisíveis e, frequentemente, está relacionada a uma posição peculiar na divisão social do trabalho, envolvendo uma atividade econômica de grande monta e natureza indispensável (VARIKAS, 2014, p. 76).

Diante disso, é possível percebermos que o processo de exclusão vai se constituindo de uma forma simbólica, mas que devido a dimensão de poder que possui vai sendo reproduzido socialmente. Isso é possível devido a ação dos sistemas simbólicos, que como objeto de comunicação e conhecimento cumprem a incumbência de agir como uma ferramenta política de imposição ou legitimação da dominação, possibilitando assim a dominação de uma classe sobre outra (BOURDIEU, 1989).

Partindo-se do princípio de inferioridade que atribuímos a um indivíduo estigmatizado socialmente, “Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social” (GOFFMAN, 2021, p.15). Nesse sentido, ao estigmatizarmos procuramos uma forma de comprovar o grau de inferioridade daquele sujeito ou grupo para justificarmos nossa decisão, como é o caso dos sujeitos inferiorizados socialmente, que são excluídos de vivências e de ocupar alguns lugares devido a posição social que ocupam.

Assim, por estigma social Goffman (2021, p. 7) compreende “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. Como resultado disso, mediante a dinâmica do poder, os grupos inferiorizados têm suas ações neutralizadas, possibilitando a manutenção do status de superioridade pelos grupos detentores de maior poder. Nessa mesma vertente, Elias e Scotson (2000) destacam que

A estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. Embora sejam necessárias outras fontes de superioridade de forças para manter a capacidade de estigmatizar, esta última, por si só, é uma arma nada insignificante nas tensões e conflitos ligados ao equilíbrio do poder. Por algum tempo, ela pode entrar a capacidade de retaliação dos grupos dotados de uma parcela menor de poder, bem como sua capacidade de mobilizar as fontes de poder que estejam a seu alcance. Pode até ajudar a perpetuar, durante algum tempo, a primazia de status de um grupo cuja

superioridade de poder já tenha diminuído ou desaparecido (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 27).

Então à medida que começam a surgir a categorização dos grupos e intensifica-se a estigmatização dos mesmos, é construído também um sistema de classificação interna ao grupo estigmatizado, como destaca Elias e Scotson (2000, p. 166) ao dizer que

algumas famílias ou talvez grupos delas em uma mesma comunidade, tão logo são ligadas umas às outras pelos fios invisíveis da vizinhança, passam a se ver e a ser vistas pelos outros como "melhores" ou, alternativamente, como "menos agradáveis", "menos boas", "menos dignas", ou seja, qual for a denominação que se use.

À vista disso, as classificações acarretam em fragilização do grupo segundo a qual os desejos individuais acabam se sobrepondo aos interesses coletivos. Nesse sentido, pensando-se a cidade como produto das interações realizadas em seu contexto, percebemos que há a formação de um campo de disputas por sujeitos e grupos que fazem parte dele, em que o confronto é ocasionado pela busca incessante do domínio do poder.

Diante de tais colocações, no tópico a seguir, refletimos sobre o processo de construção da cidade de Cubati, em que damos destaque a sua origem a partir da fazenda Canoas e progressão até sua emancipação, bem como o seu desenvolvimento resultando no processo de urbanização e ocupação das regiões periféricas.

2. 2 DE FAZENDA CANOAS A CUBATI: OS PERCURSOS PARA A FORMAÇÃO DA CIDADE

“Ó meu suntuoso torrão

Nosso chão tão amado

Nossa jovem nação

Nosso berço adorado”.

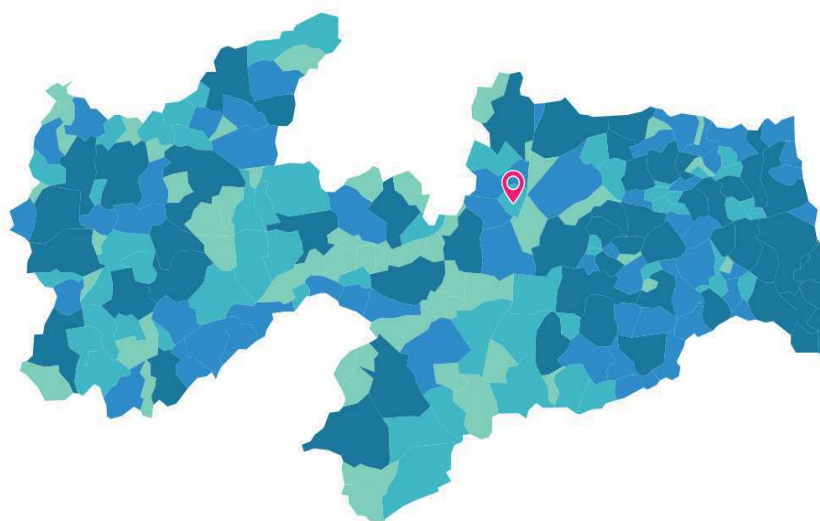
(Hino oficial da cidade de Cubati)

No trecho do hino municipal exposto acima é possível percebermos a representação de uma expressão afetiva presente no imaginário de sujeitos cubatienses, seja por ser sua terra de origem ou apenas de vivência. Uma cidade jovem, tendo seus 63 anos de emancipação política e que tem sua trajetória histórica marcada por importantes eventos políticos, mas que também recebe destaque por seus

acontecimentos cotidianos que nos proporcionam uma reflexão sobre o viver na cidade e os elementos que constituem essa dinâmica social.

A cidade de Cubati está situada na região do Seridó Oriental Paraibano, localizada acerca de 225 km de distância da capital paraibana João Pessoa. De acordo com dados do último censo realizado em 2010, Cubati possuía cerca de 6.866 habitantes⁷, sendo que a maior parte da população está situada na parte urbana totalizando 4.769 habitantes e apenas 2.097 pessoas são residentes da zona rural⁸ (IBGE, 2010).

Figura 1 - Localização de Cubati no mapa da Paraíba



Fonte: IBGE (2010)⁹

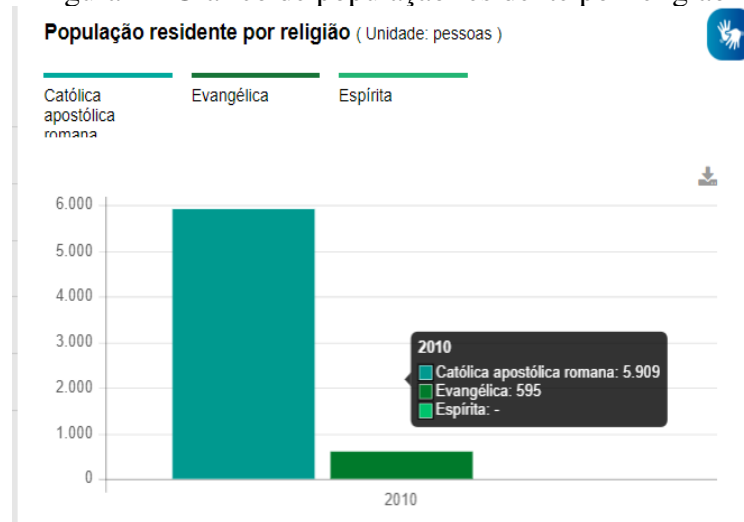
Cubati traz em sua história indícios de uma cidade movida pela crença religiosa, com respaldo na fé católica e devoção a São Severino Bispo. Isso é comprovado pelos dados do IBGE (2010) expostos na figura 2, em que a maior parte da população se declara seguidora dessa vertente religiosa, totalizando 5.909 pessoas.

⁷ O IBGE estima que em 2021 o número de habitantes em Cubati atingiria o total de 7.866 pessoas. Maiores informações disponíveis no seguinte link: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cubati/panorama>>. Acesso: 30 maio 2022.

⁸ É importante salientar que os dados do IBGE não sofreram atualização nos últimos anos, o que interfere na realização de nossas pesquisas, por não termos uma precisão dos dados atuais.

⁹ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cubati/panorama>>. Acesso em: 29 maio 2022.

Figura 2 - Gráfico de população residente por religião



Entretanto, não é de hoje que se cultua a fé católica nessa localidade, pois como destaca Souto (s./d.), antes mesmo de haver celebrações religiosas na localidade, “os fiéis enfrentando as dificuldades iam a pé ou a cavalo assistir as missas em P. Lavrada, Santo Antônio (Seridó) e Olivedos¹¹, bem como as caminhadas que faziam para participar das novenas em casas de amigos” (SOUTO, s./d., p. 24). Diante disso, já é possível identificarmos indícios da tradição católica vivenciada por esse povo, sem que houvesse a edificação de um templo e a realização de eventos religiosos na localidade.

A palavra Cubati tem sua origem de *Cubaty* que em tupi guarani significa “planta d’água”. No entanto, de acordo com Souto (s./d.), alguns estudiosos da toponímia paraibana acreditam que o vocábulo significa “rio de água salobra”, tendo-se em vista que os povos indígenas que habitaram a localidade chamavam o Rio Seridó¹² de Rio Cubaty devido a água não ser muito doce.

Os registros acerca da história de Cubati, mostram sua origem a partir da Fazenda Canoas¹³, que estava situada em terras que hoje conhecemos como a cidade de Cubati. Essas terras pertenciam a Joaquim Gurinhém¹⁴ e que devido a um grande apreço por seu escravo Manoel Maria de Barros resolveu lhe retribuir pelos anos de serviço

¹⁰ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cubati/panorama>>. Acesso em: 29 maio 2022.

¹¹ Localidades adjacentes que são correspondentes aos municípios limítrofes de Cubati;

¹² O Rio Seridó banha o Rio Grande do Norte e a Paraíba e tem sua nascente na Serra dos Cariris ou Serra do Alagamar no município de Cubati.

¹³ De acordo com Rietveld (2010), a denominação Canoas tem sua origem devido a uma grande pedra com o formato semelhante a uma canoa que se encontrava fixada nas proximidades de onde é a cidade de Cubati e que servia para atravessar o rio.

¹⁴ De acordo com Souto (s./d.), a família Gurinhém veio de Portugal em 1870 e se instalou nas terras que viriam a ser Cubati.

prestado com a sua carta de alforria, um pedaço de terra e algumas cabeças de gado (SOUTO, 2017). Sob a posse de Manoel de Barros, logo essas terras da fazenda dão origem ao povoado de Canoas.

O povoado de Canoas possuía uma localização geográfica favorável para o início da realização das primeiras atividades comerciais tendo-se em vista que era local de passagem de tropeiros. Sendo assim, Manoel Maria de Barros juntamente com outros moradores da localidade ergueram um pequeno mercado que servia para a realização de trocas e negociações diversas. Além disso, as instalações do mercado serviam também de local de pouso para os viajantes repousarem antes de prosseguir a viagem para as negociações em outras localidades (AGRA, 2010).

De acordo com Goulart (1961), os locais de pouso dos tropeiros eram caracterizados com acomodações simples, mas de suma importância para o descanso deles, pois, como o autor destaca, “O pouso era rude, desconfortável, mas era sempre um abrigo contra a inclemência do sol ou da chuva, uma defesa contra o orvalho das noites frígidas” (GOULART, 1961, p. 130).

A religiosidade teve forte influência para o desenvolvimento de Canoas. Segundo Rietveld (2010), como expressão de fé Católica e uma forma de reconciliação com Deus, Manoel de Barros decidiu construir uma pequena Capela em sua propriedade. Assim, em 21 de janeiro de 1911, com a conclusão da construção da Capela em Canoas, o Bispo Dom Aducto deu a provisão para a benção da capela de Canoas. Na figura 3, é possível visualizarmos ao fundo da fotografia, a capela feita por Manoel de Barros, uma construção em madeira branca que fora feita nas imediações de onde hoje encontra-se a praça central Josebel Gomes, mais precisamente onde era a loja Magazine Século XX.

Figura 3 - Capela de Manoel de Barros



Fonte: Blog Escola PSF¹⁵

Depois da construção da Capela foi adquirida uma imagem de São Severino Bispo que, de acordo com Silva (2012), teria vindo em embarcações da Europa para o Brasil e transportada em lombos de animais até chegar ao povoado de Canoas. A partir disso, São Severino Bispo passou a ser aclamado como padroeiro da localidade¹⁶, o que se mantém até hoje em dia. Rietveld (2010, p. 111) pontua que, de acordo com a tradição católica, “São Severino é invocado em tempos de grande seca e desastres”.

Após a morte de Manoel de Barros, sua esposa Florência Maria da Conceição, resolveu doar uma parte de terra destinada ao patrimônio de São Severino. A parcela de terra da doação correspondia a 4,6 hectares de terras que ficavam ao redor da capela e foi feito o registro no Cartório de Picuí, com datação de 17 de janeiro de 1915 (RIETVELD, 2010).

No ano de 1913 ocorreu a tentativa de realização da primeira feira em Canoas. Para isso, um grupo de homens se dirigiu a sede do município em Picuí para requerer uma feira para o povoado de Canoas, tendo em vista a quantidade de habitantes que já povoavam a localidade. Após atendido o pedido, foi realizada a primeira feira, mas que não progrediu (ROCHA, 1995). A poesia de Vicente José de Medeiros sobre Cubati nos dá indícios desse evento frustrado:

¹⁵ Disponível em:

https://img.comunidades.net/esc/escolapsf/5_Ao_fundo_de_madeira_1_Capela_de_S_o_Severino_Bispo_Atual_Magazine_S_culo_XX.jpg. Acesso: 02 jun 2022.

¹⁶ As festividades de homenagem ao Padroeiro São Severino Bispo são realizadas todos os anos desde 1930. Inicialmente, ela era realizada em 08 de novembro, como lembrança da data em que foi registrado a chegada da imagem em Canoas. Mais tarde, a festividade passou a ser realizada juntamente com as comemorações do Ano Novo, em 31 de dezembro. No entanto, atualmente, a Igreja Católica voltou a realizar as comemorações em 08 de novembro (SOUTO, s.d.).

9. Mas esse tempo pra feira, foi muito inconveniente, pois a vila de Santo Antonio, seis quilômetros em sua frente, naquele tempo gozava, de um comércio influente. 10. Então ficou sem efeito, o esforço que se fez, apareceu quem vendesse, porém não tinha freguês, os documentos ficaram, esperando a sua vez (MEDEIROS, s.d.).

Muito embora as atividades comerciais tenham sido bastante significativas para o povoado, a realização da feira ainda não é concretizada neste momento, sendo efetuado apenas três episódios (SOUTO, s./d.). Isso ocorreu por conta de conflitos realizados por municípios vizinhos, que já realizavam atividades comerciais e se sentiam prejudicados financeiramente, pois contavam com pouca procura dos produtos tendo-se em vista a ampliação da realização da feira sendo expandida para Canoas.

Em 28 de outubro de 1915, através da Lei Estadual nº 424 é criado o distrito de Canoas (AGRA, 2010), e apenas em 02 de fevereiro de 1924 a feira em Canoas começa a ser efetivamente realizada por intermédio de Padre Simão Fileto¹⁷. Por se tratar de um evento inusitado e que prometia um grande desenvolvimento para a localidade, o acontecimento foi vivenciado com alegria e em clima de festividade, como é destacado na poesia de Vicente Medeiros (s./d.)

15. Simão Patrício Pírer, era seu nome correto, porém o povo em geral, chamava Padre Fileto, veio em nossa Capela, e lhe consagrou o afeto. 16. E logo no movimento da feira, ele logo informado, e para continua-la, ficou logo interessado, parece que por Canoas, ele estava apaixonado. 17. Tratou-se a primeira feira, para 2 de fevereiro, do ano de 24, dia alegre e presenteiro, estava os campos verdejantes, tinha chovido em janeiro. 18. Era um dia de delícia, bafejava um ar saudável, e na natureza ofertou, aspecto tão agradável, em todo resto se via, alegria admirável.

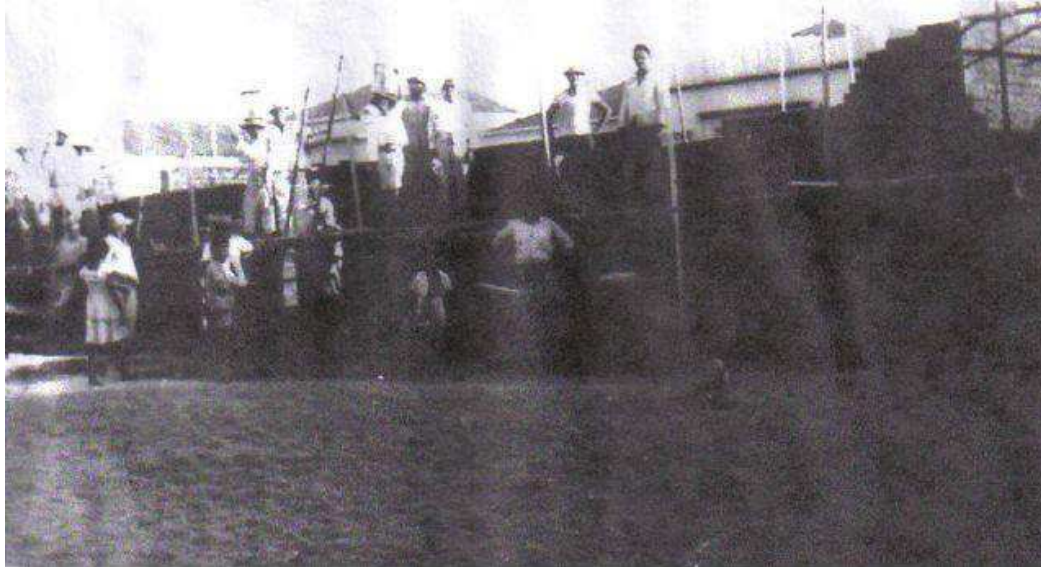
À vista do exposto pelo poeta, podemos perceber o quanto a realização deste evento foi significativa para os moradores da localidade. Logo, este relato nos convida a refletir acerca das emoções experienciadas por esses sujeitos, quanto a isso Pesavento (2004b. p. 6) destaca que “Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou”.

A feira inicialmente ocorria onde hoje está localizada a praça central Josebel Gomes. Na figura 04 podemos ver os trabalhadores na construção do antigo mercado

¹⁷ Simão Phileto Patrício da Costa, conhecido como Padre Fileto, era natural de Areia-PB e foi vigário em Pedra Lavrada de 1921 a 1926, em que durante esse tempo teve forte influência no progresso de Canoas (RIETVELD, 2010).

público de Cubati, que fora desativado para fins comerciais¹⁸ anos depois após a construção do novo mercado na gestão de Antônio F. de Macêdo localizado na Rua Padre Apolônio.

Figura 4 - Construção do primeiro mercado público, na atual Praça Josebel Gomes



Fonte: Blog Escola PSF¹⁹

Com a implementação da feira em Canoas, o comércio avança progressivamente se expandindo com a construção de bodegas e casas de mangaio (SOUTO, s./d.). Diante disso, podemos inferir que a feira de Padre Simão Fileto trouxe um grande avanço para Canoas, sendo este povoado impulsionado pelo destino de ser cidade. Isso é possível, pois de acordo com Weber (1987), para a existência da cidade é indispensável a realização de atividades comerciais, mas que não pode ser qualquer tipo de comércio, é necessário

a existência de um intercâmbio regular e não ocasional de mercadorias na localidade, como elemento essencial da atividade lucrativa e do abastecimento de seus habitantes, portanto de um mercado. Porém, não é qualquer mercado que transforma a localidade na qual ele existe em “cidade” (WEBER, 1987, p. 69).

Nesse sentido, o autor refere-se ao mercado de forma efetiva e com realização contínua, de modo a atender às necessidades da população local. Assim, a dinâmica da

¹⁸ De acordo com Silva (2012), a partir de 1977 no prédio do antigo mercado passou a funcionar o Cine São Severino e a boate Tropicana até o início da década de 1990.

¹⁹ Disponível em: https://img.comunidades.net/esc/escolapsf/8_Constru_o_do_1_Mercado_P_blico_Atual_pra_a_Josebel_Gomes.jpg. Acesso: 02 jun 2022.

feira garantia aos moradores de Canoas a possibilidade de comprar e vender os produtos indispensáveis para a manutenção da vida nesta localidade, sem ser necessário o deslocamento para outros lugares. Devido ao seu desenvolvimento, o distrito de Canoas chama a atenção de pessoas de outras localidades, visto que Canoas apresentava um comércio promissor e muitos sujeitos com o intuito de implantar um comércio na localidade optam por mudar-se para este local.

Diante do crescimento apresentado por Canoas, em 1938 foi aprovado na Câmara Municipal de Picuí, a partir de projeto do vereador Francisco Vasconcelos, a elevação de Canoas à Vila de Cubati, por meio da Lei nº 1.164 (SILVA, 2012). Neste mesmo ano, os habitantes da Vila de Cubati vivenciam também a realização da 1ª missa sendo realizada na Igreja Católica, ambiente diferente da Capela de Manoel de Barros.

Na figura 5 podemos ver a Igreja de São Severino Bispo e parte da avenida central de Cubati. A Igreja foi erguida por partes com a estrutura em formato de cruz e começou a ser construída em 02/05/1936 sediando sua primeira missa em 1938, antes da conclusão de sua edificação (SOUTO, s./d.)

Figura 5 - Igreja de São Severino Bispo em 1938



Fonte: Blog Escola PSF ²⁰

A expansão comercial e o progresso iminente da Vila de Cubati traziam consigo a promessa de uma cidade próspera e junto a isso crescia o desejo de emancipá-la e torná-la cidade. Nesse sentido, o processo de emancipação política de Cubati tem início

²⁰

Disponível em: https://img.comunidades.net/esc/escolapsf/6_Igreja_S_o_Severino_Bispo_Centro_Cubati_construida_em_1938..JPG. Acesso: 02 jun 2022.

em 1959, momento em que um grupo de homens influentes, ligados às famílias mais importantes do local, que juntamente ao deputado Gerônimo S. da Nóbrega se reúnem com o governador da Paraíba, Pedro Moreno Gondim, para solicitar a emancipação política da Vila de Cubati (SOUTO, s./d.).

Cubati obteve sua emancipação política em 30 de abril de 1959, a partir da Lei nº 2.076 - ver anexo 2. Com a efetivação de sua emancipação política, Cubati deixa de ser distrito de Picuí e passa a ser um município com sede própria e independência política. Porém, a notícia da emancipação política demorou um pouco para chegar a Cubati, devido aos poucos mecanismos comunicativos da época, pois, como destaca Souto (s./d.),

Diante das dificuldades circunstanciais da época, a nota da emancipação só chegou ao conhecimento dos munícipes, em 06 de julho de 1959, a qual tendo sido recebida por todos os moradores, com grande júbilo e ficando esta data reconhecida como o aniversário do município, lembrada e comemorada até hoje por nosso povo (SOUTO, s./d., p. 32).

De início, foi nomeado como prefeito interino José Paulino da Costa, que teve o seu mandato de 06 de julho a 30 de novembro de 1959. Enquanto isso, após processo eleitoral foi eleito José de Medeiros Dantas, em pleito realizado no dia 02 de agosto de 1959, assumindo a administração do município a partir de dezembro do mesmo ano.

Nos anos que se seguem após a sua emancipação política, embora os poucos recursos municipais, Cubati começa a receber as primeiras construções que vão dando a cidade melhorias no setor público. Assim, na década de 1970, Cubati já apresentava as feições de uma cidade em pleno avanço.

A Revista Avante²¹ de 1972 nos mostra a visão do progresso vivenciado por Cubati neste momento, com um amplo número de construções que foram feitas visando o benefício da população residente nesta localidade, em que podemos destacar construções de escolas, espaço de lazer, unidade hospitalar, tanques e lavanderias, etc. (REVISTA AVANTE, 1972).

Nesse sentido, com o avanço municipal, a cidade de Cubati já apresentava um aumento gradativo no número de habitantes, se comparado com os dados do IBGE correspondentes ao ano de 1960, como é possível observarmos no quadro 1, exposto abaixo:

²¹ REVISTA AVANTE. Realidade dos municípios do nordeste. Edição 1972. Ano 8. Nº 8.

Quadro 1 – Comparativo de habitantes de Cubati

ANO	TOTAL	ZONA URBANA	ZONA RURAL
1960	3.804	970	2.834
1970	5.515	2.013	3.502
1980	6.541	2.818	3.723

Fonte: IBGE (1960²²; 1970²³; 1980²⁴)

Como vemos, de acordo com os dados do IBGE, em 1970 Cubati totalizava 5.515 habitantes e um maior número da população residente na zona rural. Essa concentração habitacional na zona rural dava-se porque, embora Cubati já contasse com um expressivo número de pequenos estabelecimentos comerciais instalados na sua parte urbana, e também já se dedicasse a extração de minérios em pequena escala, nesse momento a sua principal atividade econômica estava relacionada a agricultura, em que o algodão, o agave e os cereais em geral se sobressaíam (REVISTA AVANTE, 1972).

Diante disso, é possível concluirmos que a trajetória percorrida da Fazenda Canoas até a elevação de Cubati a cidade é constituída por muitas memórias atreladas as experiências coletivas e individuais de cunho religioso, bem como aos feitos políticos e a formação dos grupos e conflitos originados do desejo pela detenção do poder nesse âmbito. Assim se constitui as memórias que compõem a história cubatiense e que são guardadas com muito afincio por todos os cidadãos, como expresso no hino municipal: “Tens um passado pleno de glórias/ entre todas as nações/ vai ficar sobre nossas memórias/ nossos costumes e tradições”.

No entanto, é indispensável destacarmos que não é apenas de eventos políticos e personagens renomados socialmente que se constitui a história cubatiense. Cubati como qualquer outra cidade possui o seu tecido urbano constituído por personagens pertencentes a diferentes segmentos sociais e que todos possuem um papel fundamental para o desenvolvimento da cidade e, conseqüentemente, uma importância imensurável para a construção da historiografia local.

²² Sinopse preliminar do Censo Demográfico: Estado da Paraíba. VII Recenseamento Geral do Brasil – 1960. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/312/cd_1960_sinopse_preliminar_pb.pdf>. Acesso: 29 maio 2022.

²³ Sinopse preliminar do censo demográfico: VIII Recenseamento Geral – 1970. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_pb.pdf>. Acesso: 29 maio 2022.

²⁴ Censo demográfico: dados distritais. Rio de Janeiro: IBGE, 1982. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1980/CD_1980_Dados_Distritais_PB.pdf>. Acesso: 16 jul 2022.

Como vimos no quadro 1, em 1970 Cubati já apresentava um número significativo de habitantes residentes na parte urbana da cidade que vai aumentando gradativamente. Assim, Cubati seguia o processo de urbanização da cidade, acompanhando o avanço da urbanização do país, em que o viver na urbe vai se sobrepondo ao viver no meio rural.

No entanto, o processo de urbanização também traz consequências para o meio social, pois com o avanço da urbanização, na medida em que o centro da cidade vai se formando também vão surgindo as comunidades periféricas tendo como principais moradores as pessoas pertencentes as classes menos favorecidas socialmente. E isso também acontece com Cubati, pois, de acordo com Pereira (2020, p. 15-16), após a emancipação política

Cubati começou sua expansão como cidade, ganhando seus contornos com o povoamento de regiões adjacentes, sendo habitada principalmente por pessoas provindas de outras localidades à procura de condições melhores para sobreviver. Com isso, surge também a ocupação de regiões periféricas, que embora em condições precárias, se tornaram espaços atrativos para alguns sujeitos fixarem suas famílias e construir suas vidas. A exemplo de localidades periféricas que surgiram no município de Cubati, temos a Rua do Rio e a Rua do Juazeiro, que a princípio era conhecida vulgarmente por “Rua da Tripa”, já que comportava o primeiro matadouro da cidade.

Sendo assim, devido aos poucos recursos financeiros, as pessoas acabam procurando lugares mais acessíveis para residir, o que vai dando origem a periferia da cidade. Nesse sentido, Guimarães (2016) atenta para o fato de que a periferia é uma formação resultante de um processo excludente, uma vez que as pessoas com menos recursos financeiros acabam sendo retiradas dos centros urbanos e tendo que se abrigar em regiões vulneráveis, pois segundo o autor,

A periferia [...] é o produto de uma lógica cruel e segregadora, baseada na exclusão da urbe, criada e recriada a partir dos mecanismos especulativos sobre o solo, sobre a propriedade fundiária, que exclui e (re)inclui os indivíduos dentro de uma urbanização ‘estanquizada’ e precária (GUIMARÃES, 2016, p. 24).

Dessa forma, na medida que os pobres vão sendo retirados dos centros urbanos e se agrupando em regiões com menores recursos, vai se formando a periferia. Assim, a cidade pode ser vista como o resultado dos processos econômicos e sociais que acabam por excluir uma parcela da população dos centros urbanos e condenando-a a viver em condições precárias e até mesmo subumanas.

Nesse sentido, ao compreendermos a cidade a partir dos elementos sociais e suas relações com o contexto em que faz parte percebemos que a separação espacial entre

centro e periferia corrobora para o distanciamento das classes populares dos centros urbanos, fazendo com que a qualidade de vida e o acesso a serviços essenciais seja prejudicado. Assim, Santos (2020) compreende que a pobreza se constitui atrelada a questões socioeconômicas, mas também espaciais, pois, segundo o autor

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora da pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico, de que é o suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial (SANTOS, 2020, p. 10).

À vista disso, à medida que as pessoas pobres têm acesso a menos recursos e serviços por residirem em localidades menos favorecidas estruturalmente, isso faz com que elas se tornem ainda mais pobres, fazendo com que a pobreza perpassa o sentido financeiro e esteja atrelada também aos aspectos que constituem o contexto que fazem parte.

Com o avanço da urbanização de Cubati e o aumento populacional ocorre o aumento da produção dos resíduos e surge a necessidade da implantação de um depósito de lixo para receber os resíduos produzidos na cidade. Para isso, a Prefeitura adquiriu um terreno localizado na zona rural, que anteriormente era um campo de agave, e por se tratar de um local afastado aproximadamente 1 km de distância da parte urbana, não prejudicaria o viver urbano com o mau cheiro e doenças provenientes dos resíduos.

Entretanto, muito embora a situação insalubre do local, esse contexto acaba sendo procurado por pessoas com o objetivo de estabelecer moradia e acaba se transformando em uma comunidade periférica na década de 1970 em Cubati, que devido a situação de origem passa a ser conhecida popularmente como “Rua do Lixo”, recebendo anos depois a denominação oficial de Bairro do Estado.

E é sobre essa comunidade que vamos nos deter em nossa análise. Para tanto, pretendemos discorrer acerca do processo de formação do Bairro do Estado identificando os fatores que contribuíram para a estruturação do estigma social relacionado a origem do Bairro e as condições de vida dos sujeitos que ali passam a residir. Assim, podemos nos questionar: Quais os fatores que contribuíram para esses sujeitos recorrer ao local do lixão como moradia? Como se constituía esse espaço de vivência nos primeiros anos de origem da comunidade e quais as mudanças que vão ocorrendo nesse cenário com o passar do tempo? De que forma essas pessoas

sobreviviam e como se sentiam mediante essa situação de vida? São indagações como essas que nos norteiam no tópico a seguir e sobre as quais tecemos nossas reflexões.

CAPÍTULO 3

O BAIRRO DO ESTADO EM CUBATI: SUA ORIGEM E CRESCIMENTO

“Há de existir alguém que lendo o que escrevo dirá: isto é mentira! Mas as misérias são reais”.

(Carolina Maria de Jesus)

A frase epigrafada no início deste capítulo faz parte do livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*” da autora Carolina Maria de Jesus. A obra é formada pelas escrituras da autora acerca de suas memórias e vivências na favela do Canindé, em São Paulo. Os seus escritos se constituem dos seus diários que equivalem aos anos de 1955 a 1960 e neles ela mostra a sua visão sobre o seu viver cotidianamente, refletindo sobre a situação do morador de periferia e diversos aspectos sociais que trazem implicações para a sua vida e de outros moradores da favela do Canindé.

Mulher negra, pobre, catadora de materiais recicláveis e que enfrenta os percalços da vida para sobreviver e tentar dar o de melhor para os seus três filhos. Assim como Carolina, muitos moradores de periferia sentem-se como se estivessem vivendo em um quarto de despejo, devido às situações vulneráveis em que vivem e isso faz com que muitas vezes não se tenham quaisquer afeições pelo ambiente de vivência, nem tampouco pelo modo como se vive.

Assim, embora a autora nos apresente um contexto específico em uma temporalidade particular é possível percebermos que a situação vivenciada por Carolina e os moradores do Canindé representa a realidade da marginalização social a qual são submetidos muitos sujeitos das classes inferiores socialmente que muitas vezes não tem acesso sequer a uma parcela mínima dos direitos sociais estabelecidos pela legislação nacional.

Nesse sentido, a Constituição Federal de 1988 deixa em evidência desde a sua redação inicial o que concerne aos direitos sociais. Em seu artigo 6º, a legislação estabelece que os direitos sociais compreendem o acesso “a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (BRASIL, 1988), sendo acrescentados posteriormente o direito à moradia²⁵, à alimentação²⁶ e ao transporte²⁷ através de emendas constitucionais específicas ao longo dos anos.

Entretanto, a existência de textos legislativos não garante a implementação de ações positivas para a efetivação desses direitos. Desse modo, o Estado se constitui como um elemento indispensável na criação de condições institucionais para garantir a

²⁵ Emenda Constitucional nº 26, de 14 de fevereiro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc26.htm#1>. Acesso: 20 ago 2022.

²⁶ Emenda Constitucional nº 64, de 4 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc64.htm#art1>. Acesso: 20 ago 2022.

²⁷ Emenda Constitucional nº 90, de 15 de setembro de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc90.htm>. Acesso: 20 ago 2022.

eficiência de políticas que deem condições para a concretização desses direitos e que esses possam ser usufruídos por um número maior de sujeitos, pois como é destacado por Dornelles (2013, p. 31) “Trata-se [...] não apenas de enunciar direitos nos textos constitucionais, mas também de prever os mecanismos adequados para a viabilização das suas condições de satisfação. Nesse campo o Estado passa a ser um agente promotor das garantias e direitos sociais”.

À vista disso, a falta de políticas efetivas implementadas pelo poder estatal nesse âmbito ocasiona um viver instável pelos grupos menos favorecidos socialmente, em que a falta de acesso a esses direitos fundamentais provoca a busca por formas de sobrevivência alternativas, como espaços de moradias insalubres e sujeição a realização de serviços precários para garantir o sustento. Nessa direção, neste capítulo, discutimos acerca do processo de formação do Bairro do Estado em Cubati e refletimos sobre a dinâmica que se estabelece nesse contexto social ao longo dos anos de 1970 até o ano de 2015.

3.1 DE RUA DO LIXO A BAIRRO DO ESTADO: A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE PERIFÉRICA

*“Tem tantas belezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
É uma terra encantada
— Mimosa jardim de fada —
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual”²⁸.*
(Casimiro de Abreu)

Na epígrafe acima, o poeta Casimiro de Abreu fala com afetividade sobre a sua terra natal. Distante do seu local de origem, ele destaca de forma bastante saudosa os encantos que sua terra possui e que ninguém seria capaz de criar uma arte semelhante, ou sequer parecido com as belezas que nela tem, uma vez que não traz consigo o sentimento das emoções nela vivida. Da mesma forma do poeta, é possível que quando

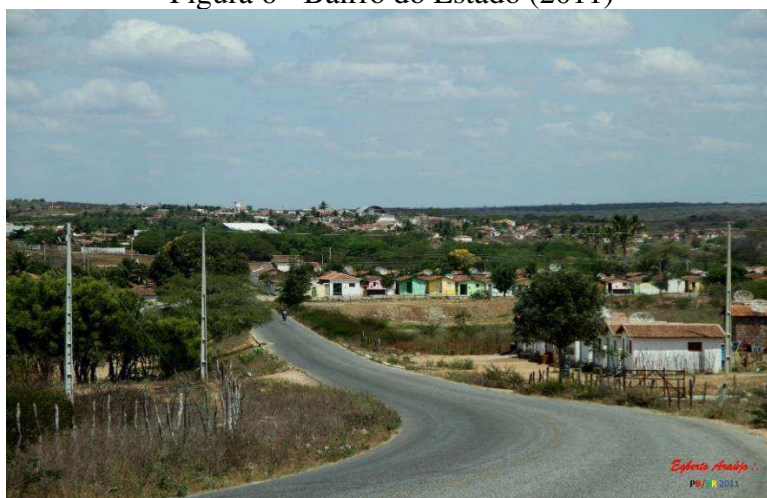
²⁸ O poema foi escrito por Casimiro de Abreu quando o poeta estava em Lisboa/Portugal (1853-1857).
Majores informações em: <
<https://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/brpoe/brpoe097.php>>. Acesso: 21 fev. 2023.

falamos do nosso lugar de pertença, conseguimos destacar em nossa fala aspectos que enaltecem nosso local de vivência com bastante afeição. Entretanto, pessoas que não ocupam a mesma posição que nós e que não possuem os mesmos vínculos afetivos que temos acabam por não perceber as belezas que percebemos, criando muitas vezes uma visão pejorativa, totalmente oposta à nossa.

Partindo disso, é evidente que muitas vezes a perspectiva apontada por quem não faz parte de um determinado local, como é o caso das comunidades periféricas, acabam mostrando um panorama ruim, como se determinado lugar não tivesse coisas boas. É nesse sentido que se construiu uma imagem negativa sob o Bairro do Estado ao longo dos anos e isso fez com que em alguns casos os próprios moradores percebessem o seu lugar de vivências de uma forma depreciativa. À vista disso, construímos esse capítulo, utilizando principalmente os relatos memoriais de moradores do Bairro do Estado, a fim de compreendermos suas percepções sobre o Bairro e as vivências nesse contexto.

Quando chegamos a cidade de Cubati, a primeira visão que temos é do Bairro do Estado, como é possível vermos na figura 6. Na figura podemos ver a PB-167, algumas casas que fazem parte do Alto dos Bentos e várias residências da Rua José Cordeiro Neto. Ao fundo da fotografia ainda é possível visualizarmos diferentes pontos da cidade de Cubati. No entanto, a paisagem nem sempre foi essa. Desde a década de 1970, o Bairro do Estado passou por transformações que modificaram a paisagem, como veremos logo a diante.

Figura 6 - Bairro do Estado (2011)



Fonte: Egberto Araújo²⁹

²⁹ Imagem disponível em: < https://live.staticflickr.com/7173/6466197153_2103006055_b.jpg>. Acesso: 21 fev. 2023.

O Bairro do Estado tem seus primeiros registros históricos que mostram sua origem a partir da década de 1970 e tem o início de sua construção originada de uma ocupação popular irregular realizada nas imediações de um depósito de lixo, localizado na entrada de Cubati. Esse depósito de lixo havia sido instalado pela Prefeitura Municipal, a fim de atender toda a demanda de resíduos produzidos na cidade.

E mesmo apresentando um ambiente em situação insalubre, esta localidade começa a ser habitada por pessoas que chegavam em Cubati, principalmente providas das regiões circunvizinhas, como é pontuado por Pereira (2020, p. 16), ao frisar que

o local foi sendo ocupado por sujeitos que chegavam de outras localidades, em busca de um lugar para fazerem morada e sonhando em viverem em condições melhores. Muito embora, passassem a viver em péssimas condições, dividindo o espaço com o lixo, se sujeitando a essa situação por não terem outra opção.

A área chama à atenção desses novos habitantes devido à acessibilidade, visto que o depósito de lixo estava situado na entrada da cidade. Além disso, a existência de reservatórios de água nas proximidades facilitaria um pouco a sobrevivência nesse lugar. Reservatórios estes que se constituíram como importantes fontes hídricas para a cidade, a exemplo disso temos os Tanques do Estado³⁰ e a Cacimba dos Bentos³¹ (PEREIRA, 2020).

Na figura 7 podemos visualizar a cidade de Cubati vista de cima, em que há destaque dos dois tanques e da barragem do Estado no canto inferior direito. Muito embora a fotografia seja recente, ela faz uma referência importante dos reservatórios, tendo-se em vista que sua estrutura se mantém a mesma desde a construção deles, passando apenas por serviços de manutenção. Na fotografia ainda é possível vermos o Bairro do Estado próximo aos tanques e cortado pela PB-167.

³⁰ São reservatórios de água pertencentes a Prefeitura. Foram construídos em diferentes gestões municipais, sendo o mais antigo conhecido como “Tanque da Chave” com data de construção desconhecida e os demais construídos na gestão municipal de José de Medeiros Dantas (1959-1963). Esses reservatórios passaram por serviços de manutenção ao longo dos anos e, ainda hoje, muito embora a cidade disponha de serviço de abastecimento de água pela Cagepa, ainda são importantes vias de recursos hídricos utilizados pela população local e também é considerado como ponto turístico da cidade.

³¹ De acordo com Pereira (2020), a Cacimba dos Bentos recebe essa denominação devido ao reservatório está localizado onde era propriedade da família Bento. Para mais, é importante frisarmos que de acordo com a sabedoria popular, existe uma lenda contada pelos mais velhos que as pessoas que beberam a água da Cacimba mantêm um vínculo afetivo com Cubati, fazendo com que mesmo após muitos anos distante, o sujeito sempre volta para morar em sua terra de origem.

Figura 7 - Tanques do Estado, em Cubati (2020)



Fonte: Acervo de Dudu Dantas³²

Mas como era o cenário de vivência dos primeiros habitantes do Bairro? De acordo com os relatos dos entrevistados, as poucas habitações que compunham o conjunto das primeiras residências do Bairro do Estado tratavam-se de moradias de taipa³³ e foram construídas próximo aonde era depositado o lixo. Assim, devido a essa origem precária o Bairro do Estado passa a ser conhecido popularmente como “Rua do Lixo”.

Com o passar do tempo, houve um aumento significativo de pessoas morando na localidade, vindas de outras cidades, mas também sujeitos que já residiam em Cubati. Isso se dava, pois, segundo Pereira (2020, p. 17),

Cubati era uma cidade em construção que aparentava tranquilidade, e isso fez com que muitas pessoas chegassem a esta localidade sonhando em viver melhor ao lado de suas famílias. Enquanto aos que já moravam em Cubati, se deslocavam para o Bairro do Estado por não terem condições de morar em outras localidades devido ao alto custo de vida.

Mesmo em situações paupérrimas e sem condições sanitárias básicas para a sobrevivência humana, ocorre o aumento das construções habitacionais na localidade e começam a se formar as duas primeiras ruas do Bairro, as ruas José Cordeiro Neto³⁴ e

³²

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/photo?fbid=2989955597732767&set=pcb.2989956451066015>>. Acesso: 24 jun 2022.

³³ As casas de taipa são moradias feitas de barro e madeira.

³⁴ José Cordeiro Neto residia na zona rural do município de Cubati, foi agricultor, pecuarista e comerciante de produtos como algodão, mamona e agave (sisal), e faleceu no ano de 1977 (COSTA, 2016).

José Martins de Oliveira³⁵, que muito embora suas nomeações oficiais, continuam a ser conhecidas como “Rua do Lixo”.

Nesse sentido, é possível percebermos que a nomeação de ruas, tanto pela nomenclatura oficial como pela denominação popular carrega consigo uma intencionalidade constituída a partir dos aspectos sociais e históricos que emergem das interações estabelecidas nesse âmbito. Em consonância a isso, França (2015) reflete sobre as contribuições históricas presentes nessas denominações urbanas salientando que

o nome de uma rua registra no tempo e na memória as transformações sociopolítica e cultural de um lugar. São apontamentos da memória individual e coletiva. Nomear não é um processo “neutro”: tem “intenções” constituídas por um determinado grupo social em um tempo histórico. De certo modo, as mudanças pelas quais passaram a cidade ficaram registradas nos nomes que foram conferidos às Ruas, demonstrando assim, um processo de transformação espacial e cultural (FRANÇA, 2015, p. 298).

À vista disso, os nomes das ruas carregam mesmo que implicitamente significados atrelados a momentos e experiências que a constituem como memória individual e coletiva daqueles que fazem a cidade. Consequentemente, esses fragmentos memoriais permitem que a história permaneça viva e assim possamos refletir e construir a historiografia da cidade.

O lixo ocupava boa parte do espaço e as pessoas precisavam viver junto a sujeira, como é destacado nas lembranças de José Silva, quando ele diz:

Antigamente, se conhecia como Rua do Lixo por conta de, por conta do Bairro ter sido... por ter sido apovoado no meio do lixo, né. Inclusive eu fiz parte dessas pessoas aí, de morar no lixo. Não é morar no lixo, porque as casas eram rodeadas por lixo que esse lixo vinha do centro, eles depositavam aqui por ser uma área distante do centro. Então foi uma área escolhida pela prefeitura para depositar os seus dejetos (JOSÉ SILVA, 2022).

A grande quantidade de resíduos fazia com que as pessoas se sentissem tristes por ter que viver naquelas condições, mas ao mesmo tempo, os resíduos possibilitavam a garantia de trabalho a partir da separação e venda dos resíduos, como é destacado na fala do entrevistado: “aqui existia um lixão, o antigo lixão, no qual busquei muitas vez, ajuntando, catando lata, [...] mas que isso aí foi até uma coisa que me ajudou a buscar

³⁵ De acordo com Costa (2016, p. 21), "José Martins de Oliveira, foi fazendeiro, dono de terras e pecuarista residia na zona rural, no sítio Logradouro, pertencente ao município de São Vicente do Seridó e faleceu em 1969";

meus sonhos e saber que estava ali com um trabalho digno, honesto” (SEVERINO RODRIGUES, 2022).

Mais tarde, na década de 1980, durante a gestão de Severino Carolino Sobrinho, o depósito de lixo é desativado, sendo retirado o lixo da localidade. Nessa direção, os anos de 1980 trazem mudanças significativas para o Bairro do Estado, pois além da retirada do lixo, o cenário do bairro é modificado mediante a construção de prédios públicos e a prestação de serviços na localidade.

Assim, com a ampliação do bairro e intervenção do poder público, “se tirou o lixo daquela paragem, e levou-se a eletricidade para os seus moradores, pois estes ainda não usufruíam deste benefício e foram construídas algumas casas de tijolos” (COSTA, 2016, p. 23). No entanto, nesse momento ainda não ocorre o fornecimento de energia elétrica para todas as residências, apenas as casas recém construídas pela prefeitura obtiveram esse serviço.

Ainda na década de 1980 foi construído no Bairro do Estado o novo prédio do Matadouro Público Municipal. Antes de ser instalado nesta localidade, o Matadouro Público de Cubati funcionava no Bairro da Serrinha, próximo à Rua do Juazeiro, conhecida popularmente na época de Rua da Tripa. Como esta localidade já avançava junto a urbanização da cidade, com várias casas e muitos moradores era necessário a retirada do Matadouro deste local.

Georges Vigarello em sua obra “*O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*” reflete a respeito da problemática sobre a limpeza corporal entre a Idade Média e o século XX. Nesse sentido, o autor destaca que a cidade e os aspectos que a constituem se configuram como partes do imaginário sobre o corpo e o indivíduo. Assim, a partir dos anos de 1780 surgem as premissas de uma higiene pública em que ao falar-se em limpeza estaria automaticamente opondo-se as negligências populares, aos maus cheiros urbanos e promiscuidades incontroladas. Diante disso, Vigarello (1996, p. 163) destaca que nesse projeto higienista

Os espaços são os primeiros visados. Cemitérios, prisões, hospitais, matadouros de animais de repente salpicam a cidade de abscessos sinistros, até induzir o remodelamento do espaço urbano. Surgem reformas, no final do século, para aumentar a circulação e a renovação do ar, para eliminar as fontes mais perceptíveis de fetidez. É preciso evitar, acima de tudo as atmosferas estagnadas.

Assim, a partir do final do século XVIII as reformas higienistas tem como projeto a purificação do ar que circula na urbe de modo a torna-la mais agradável e

saudável para o convívio social. Em virtude disso, os espaços que comprometiam essa proposta sanitária precisavam ser afastados das localidades com povoamento ou, se possível, era necessário ser extintas para garantir um viver urbano mais puro e higiênico.

Na figura 9 podemos ver o registro do evento de inauguração do novo prédio público, com a presença do prefeito Severino Carolino Sobrinho – na foto de paletó preto e óculos escuros e segurando um microfone -, ao lado da primeira dama e de algumas pessoas de sua equipe. Ademais, é possível percebermos a presença de populares apoiadoras do projeto político, que pelas vestimentas nota-se que eram pessoas simples. Ainda é possível visualizarmos que o prefeito realiza o seu discurso sem a necessidade de palanque, estando posicionado no mesmo nível de altura que os seus correligionários.

Figura 8 - Evento de inauguração do Matadouro Público no Bairro do Estado (Década de 1980)



Fonte: Costa (2016)

Severino Carolino Sobrinho ficou muito conhecido popularmente pelo seu projeto político pautado em ações de beneficiamento popular, atendendo principalmente as demandas de melhoria de vida junto às populações carentes a partir de doação de medicamentos, na oferta de atendimento médico e odontológico e na distribuição de gêneros alimentícios, como é destacado pelo Jornal Tratado dos Municípios (1985).

Diante de tais colocações, podemos inferir que nesse sentido para o registro dessa fotografia há uma organização da imagem, que segundo Burke (2017), seria a forma de preparação para a produção da imagem de acordo com o significado que ela objetiva transmitir. Assim, percebemos que o fotógrafo ao organizar a cena para registrá-la tinha a pretensão de fotografar bem mais do que a inauguração, mas a representação da figura do político popular que está junto às populações simples atendendo as suas demandas.

Embora nesse momento a localidade do Bairro do Estado apresentasse uma melhoria devido a desativação do reservatório de lixo, o estabelecimento do Matadouro neste local traz prejuízos para o viver na comunidade, uma vez que intensificava o mau cheiro, bem como permitia a presença de animais carnicheiros sobrevoando pelo local, a fim de se alimentar dos restos que eram descartados por ali.

As pessoas que vinham de fora que passavam em frente ao matadouro, pronto, já... de longe já começavam a sentir aquela catanga horrível, aquele mau cheiro, né? E as pessoas que vinham de visita pras casas dessas pessoas que moravam acerca do matadouro, elas não conseguiam entender como aquelas pessoas ali conseguiam, é... sobreviver ao meio de tanta sujeira (JOSÉ SILVA, 2022).

O Matadouro causava o mal estar para quem tinha que conviver neste local. Entretanto, “embora tenha contribuído para o enfeio do Bairro do Estado, o Matadouro Público também se constituía em uma fonte alimentar para a sobrevivência dos sujeitos que moravam próximo” (PEREIRA, 2020, p. 18).

Como já foi possível vermos, o viver não era fácil e os trabalhos que existiam eram precários, em que os ganhos não atendiam as necessidades básicas. De acordo com Pereira (2020), muitos moradores sobreviviam de esmolas que pediam na feira ou em outros estabelecimentos comerciais, muito embora, fosse bastante comum a prática de pedir sobras alimentares nas residências de pessoas com maiores condições.

Nesse sentido, de acordo com as entrevistas, o matadouro propiciava uma certa estabilidade em alguns dias da semana, uma vez que em dias de matança os marchantes disponibilizavam para a população o que não teria valor comercial como por exemplo, o sangue dos animais abatidos, como é relatado pelo depoente “era uma fila enorme de pessoas da vizinhança do matador e também de outras localidades um pouco distante que vinham colher sangue desses animais, que até chegavam a brigar pelos caldeirões de sangue” (JOSÉ SILVA, 2022).

Assim, devido a situação de pobreza extrema vivenciada pelos sujeitos desta localidade, eles conseguem obtém nesse sangue uma fonte alimentar que traz bastante significado para as suas vidas, como é posto pelo entrevistado na fala a seguir:

Bom, eu lembro que esse sangue ele era sim de suma importância porque digamos que na sexta, da quinta pra sexta nós tínhamos alguma coisa garantida pra comer, né. Então, esse sangue muita das vezes era o nosso almoço e nossa janta. Ali, mãe escaldava aquele sangue, torrava. é... guardava esse sangue digamos, não sei se passava mais de um ou dois dias, e a gente consumia aquele sangue (JOSÉ SILVA, 2022)

As condições de vida eram ruins o que ocasionava uma séria instabilidade para as famílias que moravam no Bairro do Estado. Assim, como forma de garantir a sobrevivência acabava-se por recorrer a realização de serviços temporários e precarizados como nota-se nas falas dos sujeitos da pesquisa:

as condições de vida dessas pessoas eram bastante precárias porque elas viviam de agricultura, e agricultura só tinha uma vez por ano, quando tinha e aquelas pessoas que não tinha condição de botar roçado, elas sobreviviam algumas de esmola, iam pedir na rua, essas coisas aí (JOSÉ SILVA, 2022).

Dentre as formas de trabalho desenvolvidas pelos sujeitos da localidade foi possível identificarmos diferentes tipos de trabalho, em que os principais eram no desempenho da agricultura e em atividades voltadas para o processamento do Sisal, visto que durante muitos anos era o que movimentava a economia da cidade de Cubati. Sobre isso, o entrevistado pontua que “A maior parte era motor de agave. E os outro sempre continuava a agricultura. Eu mesmo toda vida [...] vivia de empeleitada de batimento de tijolo, não sofri muito. Mas teve muito vizinho meu que sofreu muito, necessidade” (ANTÔNIO COSTA, 2022).

Desse modo, era comum a realização de trabalho na agricultura, seja plantando em terreno cedido ou trabalhando em plantações de outras pessoas. Logo, como as atividades laborais estavam mais voltadas para a agricultura, nos anos de seca a precariedade se intensificava e a fome se alastrava pelos lares.

Diante disso, com a escassez de chuva, nos períodos de longas estiagens, os entrevistados nos revelaram que era comum a realização de trabalho em programas do governo. Esse trabalho era desempenhado tanto por homens como por mulheres e consistia na construção e manutenção de estradas e reservatórios de água. Esse programa recebia a denominação de Programa de Frentes de Emergência, que, segundo Fischer e Albuquerque (s/d, p. 5),

é um programa governamental implantado para amenizar ou eliminar conflitos sociais inevitáveis que explodem quando parte da população tem seu nível de subsistência comprometido. Essa política tem como objetivo atender a população que se encontra em reconhecido estado de calamidade pública, sobretudo no que se refere ao abastecimento d'água e geração de renda. Tal política é estabelecida a partir de pressões da população que tem seu suporte alimentar afetado.

José Silva em seu relato nos diz que vários familiares trabalharam nas frentes de emergência e que recebiam um valor em dinheiro e também alimentos. Segundo ele: “lá em casa trabalhou a minha mãe e os meus irmãos e eles recebiam uma cesta básica, é que antigamente chamava cesta básica e uma quantia em dinheiro que eu não sei o quanto era e nem sei que tipo de dinheiro era aquele” (JOSÉ SILVA, 2022).

Nessa direção é importante salientarmos que devido as condições de vida da época, esse programa de emergência recebeu a denominação popular de “Cachorra Magra”, tendo-se em vista às condições de miséria vivenciadas pelo povo na época. Nesse sentido, Souto (2017, p. 39) pontua que “o nome se deu devido à situação em que o povo vivia, a quantia recebida na época era pouca para alimentar os filhos (os núcleos familiares eram bastante grandes), pareciam carcaça humana ambulante, devido à alta desnutrição”.

A década de 1980 traz avanço no campo educacional, pois nesse momento são construídos em Cubati pela gestão municipal vários prédios escolares em diferentes setores da cidade beneficiando áreas urbanas e rurais³⁶, inclusive a localidade do Bairro do Estado é privilegiada com a construção do seu primeiro espaço educativo, o Grupo Escolar Zózimo Pereira (SILVA, 2012).

A unidade escolar apresentava a antiga estrutura dos grupos escolares com duas salas de aula, cada uma com um banheiro, uma sala que abrigava juntamente a cozinha e o ambiente administrativo da escola e uma pequena área na entrada que dava acesso aos três ambientes principais do prédio.

O Grupo Escolar atendia o ensino primário e devido ao número de salas de aula o ensino era feito de forma multisseriada, isto é, alunos de diferentes séries se misturavam no mesmo ambiente para assistir aula na mesma sala de aula. Sobre os materiais utilizados nesse ambiente de aprendizagem, as entrevistas nos revelaram a

³⁶ De acordo com Silva (2012), na década de 1980 foi construído na zona urbana o Grupo Escolar Zózimo Pereira e a Creche Municipal Angela Tributino Leite; Já na zona rural foram construídos a Creche Maria Martinha da Conceição (Sítio Abreu), a Escola Manoel Moreira de Medeiros (Sítio Capoeiras), a Escola Antônio Pereira de Souto (Sítio Boa Vista), a Escola Maria Claudino (Sítio Malhada do Angico), a Escola Ceciliano Gomes (Sítio Bela Vista), a Escola Hercília de Souza (Sítio Quixaba) e a Escola São Severino (Sítio Boa Esperança).

precariedade observada nesse âmbito, como é destacado na fala a seguir sobre o uso de livros didáticos “Alguns perdidos eram novos, entre outros a maioria eram usados que vinham de outros colégios. Assim como as carteiras e outras coisa já vinham de sobra de outros colégios” (JOSÉ SILVA, 2022).

Assim, o mobiliário escolar bem como o material utilizado nas dependências escolares se constituía muitas vezes de materiais reaproveitados que vinham de outras instituições escolares do município, isto é, quando este material não servia para ser utilizado nas escolas da região central da cidade eram enviados para este grupo escolar para ser aproveitado. Em virtude disso, de acordo com Pereira (2020, p. 19),

a escola no decorrer dos anos teve seu significado ambíguo, apesar de ser uma nova oportunidade educacional para os sujeitos que estavam inseridos nesse contexto, a escola também teve seu lado negativo, trazendo para o bairro um sentimento de insignificância para quem frequentava esse espaço escolar (PEREIRA, 2020, p. 19).

Isso é possível, visto que embora a existência da unidade escolar na comunidade trazendo uma sensação de prosperidade, isso era abalado por não garantir as condições necessárias para a efetivação da funcionalidade da escola junto à comunidade local.

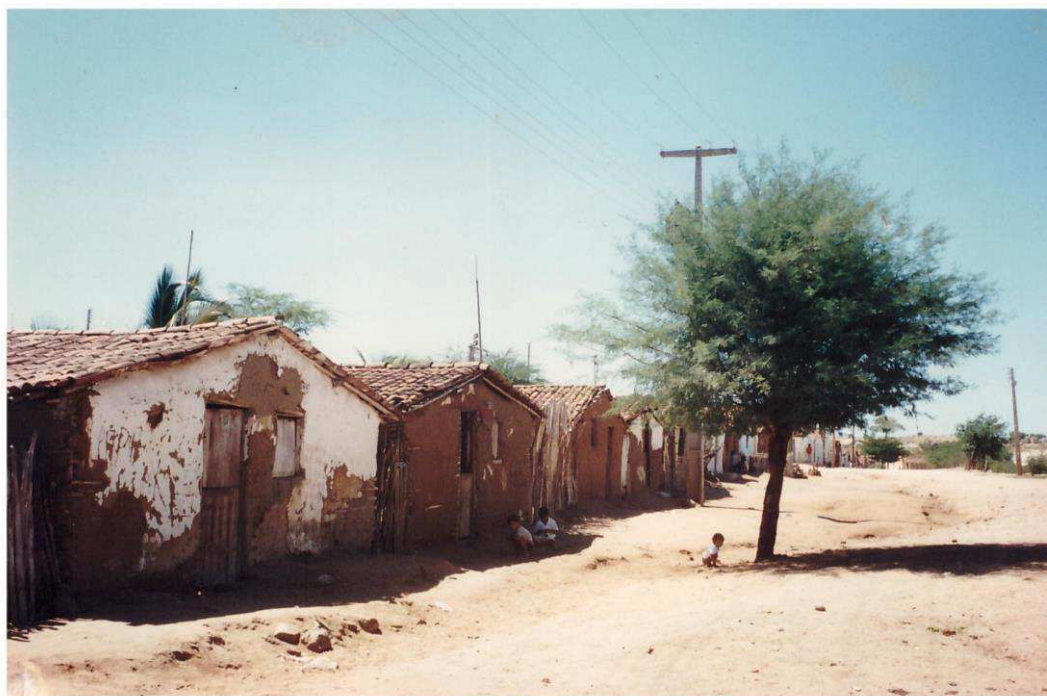
Na década de 1990 ainda era bastante comum as casas de taipa no Bairro do Estado, como pode ser visualizado na figura 10. Contava-se poucas residências de alvenaria que haviam sido construídas pela prefeitura, a rua já usufruía do fornecimento de energia elétrica, inclusive em casas de pau a pique. Entretanto, as casas de taipa não traziam muito conforto, nem garantiam segurança nos tempos chuvosos, como é destacado pelo entrevistado

quando chovia [...] ela caía. [...] como outras casas por perto caíam nesse tempo de chuva. Eu lembro também que quando chovia a gente não dormia, a gente tinha que passar a noite todinha acordado enquanto tivesse chovendo porque molhava mais dentro, molhava mais dentro do que fora. Então, tínhamos que ficar ali, sentados, em pé, seja lá como for, procurar um canto que não tivesse molhando (JOSÉ SILVA, 2022).

A figura 10 trata-se de um registro da Rua José Cordeiro Neto, mais precisamente da fileira de casas em frente à Escola Zózimo Pereira. Nela podemos ver várias casas de taipa e a rua sem pavimentação, podendo-se visualizar também os postes e as fiações do fornecimento de eletricidade. No mais, é possível também vermos crianças brincando em frente as casas, dando-se indícios do viver tranquilo e de sua origem de família simples a partir de suas vestimentas.

À vista disso, as fotografias produzidas sobre o Bairro do Estado na década de 1990 se constituem como um registro da realidade vivenciada naquele momento, nesse sentido, segundo Dubois (1993, p. 25) “A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”.

Figura 9 - Rua José Cordeiro Neto, Bairro do Estado (Década de 1990)



Fonte: Acervo de Artur Chaves

As ruas não dispunham de calçamento, era apenas uma estrada de terra batida como é possível visualizarmos na figura 10. Os serviços de saneamento básico de esgotamento sanitário³⁷ não eram usufruídos pela comunidade, assim, os esgotos ficavam a céu aberto, bem como a população não dispunha de banheiros em suas residências. Sendo assim, a população recorria a alternativas improvisadas em seu cotidiano, como é destacado nas falas dos entrevistados

Na casa da gente não tinha banheiro. Nesse tempo, o banheiro das casas era de palha no muro, lá no finalzinho do muro. Tinha aquele banheiro pra você fazer suas necessidades e tomar banho. Lá em casa, não tinha banheiro, nós fazíamos nossas necessidades fisiológicas no mato e tomar banho, só tomava banho a noite, por não ter banheiro. Depois de muitos anos, nos anos dois mil fizemos um banheiro de palha pra tomar banho e as necessidades fisiológicas era no mato (JOSÉ SILVA, 2022).

³⁷ Até meados do ano de 2022, momento de realização da pesquisa, o Bairro do Estado não contava com serviços de tratamento de esgoto.

Diante disso, os períodos chuvosos também traziam empecilhos para a rotina normal, pois o entrevistado nos revela a dificuldade de fazer as necessidades nesse tempo por não ter banheiro em suas residências, segundo ele, “nesse tempo aí quem não tinha penico tentava se segurar até parar a chuva. Ou senão fazia os serviços na sacola e jogava. Jogava no lixo ou senão no mato por nossas casas ser por trás delas ser mato ou senão em cima das casas” (JOSÉ SILVA, 2022).

No que concerne ao serviço de fornecimento de água, os tanques do Estado sempre tiveram sua importância no abastecimento hídrico da cidade, principalmente como fonte para as pessoas que não dispõem de fornecimento de água em suas residências, como era no Bairro do Estado. Além disso, os dados das entrevistas apontaram também a importância da Cacimba dos Bentos nos períodos de seca, como é retratado pelo entrevistado ao dizer:

Bom, pegava-se água na barragem pra tomar banho. Pra beber a gente pegava no tanque. Quando chegava a seca, que esses reservatórios de água próximo daqui tavam seco, então a alternativa que tinha, que havia no momento era cacimba. Aonde que perto da gente tem uma chamada Cacimba dos Bentos, que até, não sei se foi em 90 alguma coisa, houve uma seca [...] Eu não lembro o certo, foi em 90 alguma coisa, que a gente passava o dia ou também a noite pra pegar duas lata d’água. Então, nós sobrevivia em parte dessas cacimbas, quando não íamos para uma cacimba a mais de um quilômetro buscar água (JOSÉ SILVA, 2022).

A água era transportada pelos sujeitos e familiares, se constituindo como uma atividade rotineira. A água era carregada em latas, as vezes na cabeça ou em galões, como é possível visualizarmos na figura 11, mas também era carregada em animais ou até mesmo em carros por pessoas com mais condições e isso era uma prática realizada por moradores de diferentes localidades da cidade.

Figura 10 - Mulher enchendo os vasilhames de água na Barragem do Estado (1994)



Fonte: Acervo da autora

Ao longo dos anos de 1990, nas gestões municipais de Janúncio Batista da Costa (1989 – 1992; 1997 – 2000) e Ernandes Da Vinci (1993 - 1996) foram realizadas a construção de moradias de alvenaria a fim de substituir as casas de taipa que existiam no local. No entanto, mesmo mediante essas ações positivas do governo municipal, não foi possível efetivar a melhoria atendendo todos os moradores locais, ficando ainda muitas moradias de pau-a-pique.

Apenas na gestão municipal de Josinaldo Vieira da Costa (2001 - 2004) as casas de taipa foram totalmente extintas desta localidade e também foi feito a pavimentação das Ruas José Cordeiro Neto e José Martins de Oliveira. É importante destacarmos que, de acordo com os dados das entrevistas, para a efetivação desse projeto de construção das casas de alvenaria nesta localidade foi necessário a criação da Associação Comunitária do Bairro do Estado³⁸, que foi aberta junto ao Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica em 02 de agosto de 2001.

De acordo com Severino Rodrigues a associação teve um papel crucial para a efetivação de melhorias habitacionais na localidade como é perceptível em sua fala ao dizer que “Tivemos uma coletiva para fazer essa associação pra que a gente pudesse

³⁸ De acordo com o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, a Associação dos Moradores do Bairro do Estado de Cubati encontra-se em situação inapta desde 16 de janeiro de 2019.

conseguir uns projetos no qual até tem muitas casas hoje no Bairro do Estado que foi feita pelo projeto [...]. Enfim, isso foi uma grande melhoria pro nosso bairro”.

Além disso, as moradias passam a usufruir de serviços de eletricidade e também passam a receber água encanada, como é apontado por Pereira (2020, p. 26–27) quando diz que

o Bairro passou por mudanças estruturais com a construção das casas de alvenaria e total extinção das moradias de taipa, a pavimentação das ruas que antes eram estradas de terra e o abastecimento de água nas residências. Além disso, foi implantado a rede de iluminação elétrica na via que liga o Bairro do Estado a região central da cidade, melhorando, assim, as condições de vida de quem morava na localidade. Muito embora, ainda não tivesse rede de esgoto e a população também não usufrísse de alguma unidade de saúde na localidade.

Ainda nessa mesma gestão foi construído a Creche Municipal no Bairro do Estado, que tinha como objetivo atender as crianças cubatienses em idade de pré-escolar. A Creche ficava situada ao lado do campo do Cruzeiro às margens da PB-167, como podemos visualizar na figura 12 abaixo. Ao lado da Creche foi construída também algumas residências de alvenaria. A partir de então dá-se origem a terceira rua do Bairro, que embora com poucas casas recebe a denominação de Rua Isabel Pereira dos Santos (COSTA, 2016).

Figura 11 - Creche do Bairro do Estado (2012)



Fonte: Google Maps

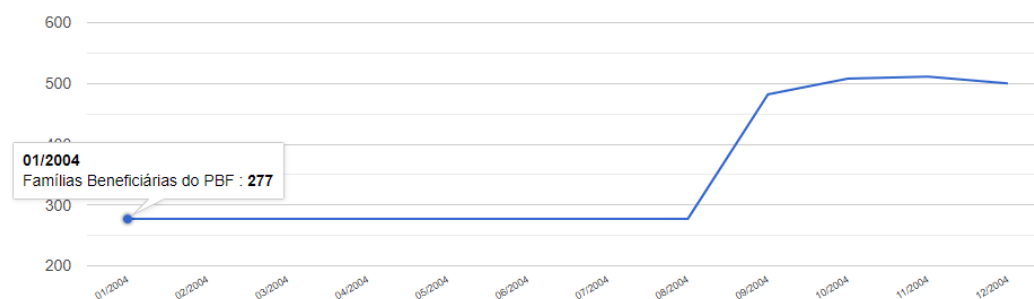
A partir dos anos 2000 a situação de vida dos moradores do Bairro do Estado começa a melhorar não apenas por melhorias na infraestrutura do Bairro como apontadas anteriormente, mas também devido a inserção desses sujeitos em programas de benefícios sociais de âmbito federal que foram implantados, segundo os entrevistados.

Dentre esses programas, podemos destacar inicialmente o Programa Bolsa Escola³⁹, em que a família beneficiária recebia um valor mensal de R\$ 15,00 por criança que tivesse o perfil de ter entre seis e quinze anos de idade, regularmente matriculadas em estabelecimentos de ensino fundamental regular e com frequência escolar comprovada.

Além disso, também foi constatado o beneficiamento pelo Programa Auxílio-Gás⁴⁰, que contemplava as famílias cadastradas no Cadastro Único e que fosse beneficiária do Programa Bolsa Escola ou Bolsa Alimentação. O valor referente a esse auxílio era destinado para a compra de gás para o uso doméstico e tinha o valor mensal de R\$ 7,50, sendo pago bimestralmente a mãe ou responsável pela família.

Com a criação do Programa Bolsa Família⁴¹, diversas famílias são contempladas com esse novo benefício, como podemos ver na figura 13, que em janeiro do ano de 2004 a cidade de Cubati já contava com um total de 277 famílias beneficiárias deste programa social.

Figura 12 - Gráfico de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família em Cubati (2004)



Fonte: SENARC⁴²

³⁹ O Programa Bolsa Escola foi criado pelo Governo Federal através da lei nº 10.219, de 11 de abril de 2001, com o objetivo de garantir uma renda mínima vinculada à educação às famílias em situação de vulnerabilidade social. Maiores informações em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10219.htm>. Acesso em: 28 ago 2022.

⁴⁰ O Programa Auxílio-Gás foi instituído pelo Governo Federal através do decreto nº 4.102, de 24 de janeiro de 2002, destinado a custear a aquisição do gás de cozinha pelas famílias de baixa renda. Maiores informações em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4102.htm>. Acesso em: 28 ago 2022.

⁴¹ O Programa Bolsa Família foi criado pelo Governo Federal a partir da Lei nº 10.836, de 09 de janeiro de 2004, destinado a atender as famílias que se encontram em situação de extrema pobreza. Maiores informações em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/lei/110.836.htm>. Acesso em: 28 ago 2022.

⁴² Disponível em: <<https://aplicacoes.cidadania.gov.br/ri/pabcad/painel.html>>. Acesso em: 28 ago 2022.

No ano de 2008, na gestão de Dimas Pereira houve a construção de casas populares na localidade denominada como Alto dos Bentos, sendo então mais uma ampliação do Bairro do Estado. Essas moradias deram origem a mais duas ruas da localidade, a Rua Manoel Pereira da Silva e Lourival Alves de Lima. No entanto, devido à demora na conclusão dessas casas populares, os moradores invadiram e tomaram posse das moradias até ser legalizado a posse dos usuários por parte da justiça.

Ainda nessa mesma gestão juntamente às casas do Alto dos Bentos, teve início a construção de um ginásio para atender a comunidade. Entretanto, devido a um erro na elaboração do projeto para a obra do Ginásio, o mesmo só foi concluído na gestão de Eduardo Dantas no ano de 2018. O Ginásio após a sua conclusão pode ser visualizado na figura 13.

Figura 13 - Ginásio Poliesportivo Sebastião de Souza "O Brancão" (2018)



Fonte: Acervo de Dudu Dantas⁴³

A partir de 2013, Cubati começa a receber reconfigurações na cidade em virtude da mudança na gestão municipal. Assim, de acordo com Costa (2016), entre os anos de 2013 e 2015 o Bairro do Estado recebe algumas transformações com a realização de serviços favorecendo a iluminação e arborização da avenida principal, bem como reforma na Escola Municipal Zózimo Pereira e início da construção de um Posto de Saúde nas imediações do Alto dos Bentos, com o intuito de atender os moradores do

⁴³

Disponível

em:

<
<https://www.facebook.com/photo?fbid=1668980606496946&set=pcb.1668994376495569>>. Acesso: 28 ago 2022.

Bairro do Estado, bem como localidades rurais da região circunvizinha, como o sítios Portais, Canoa Velha, Lajedo Vermelho, Maliça e Quixaba.

Em 2014, o Matadouro Público Municipal foi fechado, juntamente com matadouros de cidades vizinhas por estar funcionando de forma irregular e em local inadequado. Entretanto, isso é resultado de um processo, pois a Prefeitura já havia sido notificada e havia assinado vários Termos de Ajustamento de Conduta (TAC), em que se comprometia a resolver a situação sanitária do Matadouro. Assim, como não houve o solucionamento desta situação, a justiça determinou o fechamento do ambiente⁴⁴.

Ao longo desse capítulo, percebemos as mudanças que ocorreram no cenário do Bairro do Estado ao passar do tempo. A seguir discutimos sobre as formas de sociabilidades e a exploração dos espaços de lazer realizada pelos moradores do Bairro do Estado ao longo de nossa delimitação.

⁴⁴ Ainda na gestão de Eduardo Dantas foi feita a recuperação e restauração do antigo prédio que funcionava o Matadouro Público Municipal no Bairro do Estado. E em 2016 foi inaugurado neste local o “Curral do Gado Severino Braz Pessoa”, espaço destinado para a comercialização de bovinos, caprinos e ovinos.

3.2 OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES: UMA (RE)LEITURA DA DINÂMICA SOCIAL ATRAVÉS DO LAZER NO BAIRRO DO ESTADO

“Mas a cidade, [...] é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo”.

(Sandra Jatahy Pesavento)

Bem mais do que materialidade, a cidade também é produto dos relacionamentos construídos socialmente pelos sujeitos. Diante disso, ao refletirmos acerca da cidade torna-se imprescindível considerarmos ela como um palco das sociabilidades e isso se dá porque, como é destacado por Sandra Jatahy Pesavento na epígrafe acima, a cidade é composta pelos personagens que interagem uns com os outros, na medida que põe em prática suas práticas culturais.

Com base nas categorias sociológicas, Simmel (2006) define sociabilidade como “a forma lúdica de sociação, e [...] algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como a obra de arte se relaciona com a realidade” (p. 65). Nesse sentido, podemos considerar as sociabilidades como uma forma de representação, que mesmo que seja uma referência à realidade ela não se configura como uma cópia do real e isso é possível, pois muitas vezes agimos de forma amigável e gentil para não ferir o código de boas relações na sociedade.

À vista disso, Simmel (2006) associa a sociabilidade a um “jogo de cena”, pois, segundo o autor, “A sociabilidade cria, caso se queira, um mundo sociologicamente ideal: nela, a alegria do indivíduo está totalmente ligada à felicidade dos outros” (p. 69). Desse modo, o homem através das suas necessidades e de interesses específicos estabelece interação com seus pares constituindo o processo de sociabilidade. Em virtude disso, as formas de sociação, de acordo com Simmel (2006), estão atreladas aos sentimentos e a satisfação de estar inserido nas sociabilidades.

Assim, as sociabilidades se configuram com ações rotineiras constituintes da cotidianidade, mas também de práticas diversas com ocorrência casual. Segundo Pais (2002), o cotidiano se constitui pelas experiências vivenciadas ao longo dos dias, sendo que “nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia” (PAIS, 2002, p. 30). Dessa forma, as ações desenvolvidas cotidianamente se configuram como elementos

constituintes da rotina, em que se “expressa o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, por recurso a praticas constantemente adversas à inovação” (PAIS, 2002, p. 30). À vista disso, Pais (2002) compreende a cotidianidade como uma espécie de ritual, devido a forma como se estabelece, caracterizado pela regularidade, normatividade e repetitividade das ações realizadas.

Em contraste ao cotidiano, como uma prática que se estabelece como uma forma de fuga da realidade rotineira, o lazer se configura como algo satisfatório compreendendo o emprego do tempo livre para distração e descanso. Entretanto, de acordo com Corbin (2001), é necessário pensarmos o lazer de uma forma distinta do tempo de não-trabalho, pois unicamente o fato de não realizarmos atividades laborais não significa uma prática de entretenimento.

A escolha do lazer pode ser feita mediante uma sugestão ou imposição dos meios tecnológicos e sociais, mas encontramos nele uma certa liberdade de escolha, em que o sujeito usufrui do seu tempo livre de obrigações como algo bastante precioso e de modo compensatório pelos esforços impostos pelos afazeres da vida social (CAMARGO, 2003).

Diante de tal discussão, nesse tópico pretendemos discutir acerca das formas de sociabilidades estabelecidas no contexto do Bairro do Estado, mais precisamente no que concerne às formas de lazer. Como é destacado pelos entrevistados, o Bairro do Estado apresentava bastante tranquilidade, uma vez que não era comum o fluxo de muitos veículos pela localidade e nem era possível identificar outras formas de perigos na localidade o que possibilitava que as crianças ocupassem as ruas e usufríssem desse espaço para brincadeiras cotidianamente.

Como o Bairro não dispunha de muitos espaços atrativos para o lazer, as ruas se tornavam palco para as brincadeiras, encontros e interações entre os sujeitos que ali residiam. De acordo com o entrevistado, o centro da cidade não era visitado frequentemente, pois o Bairro do Estado era separado do restante da cidade por uma ponte que não trazia muita segurança no percurso desse trecho devido ao alto fluxo de circulação dos carros que chegavam e saíam da cidade.

Tendo-se as ruas como importante espaço de interação, os bares também têm presença marcante nas memórias vividas pelos sujeitos entrevistados. De acordo com Camargo (2003), os bares se estabelecem muito além do que um espaço de consumo, mas como um espaço de contemplação e também de encontros. Assim, os bares são frequentados também para os encontros e apreciação do seu entorno.

Os depoentes destacam como bar mais antigo da comunidade, o estabelecimento de Zé da Pancada que ficava situado nas proximidades da Cacimba dos Bentos e se tratava de uma casa simples construída de tijolos e que não tinha a estrutura rebocada. Esse ambiente funcionava como bar com venda de bebidas e salgados e que vez por outra sediava uma festa com forró aos sábados e contava com a participação de pessoas da localidade, mas também de residentes de outros pontos da cidade. Os relatos memoriais da entrevistada nos revelam que “Era uma casinha véia de tijolo, aí era um boteco, como se diz, e o forró detrás de palha de coco” (ARLINDA BATISTA, 2022).

Assim, o simples forró que acontecia em um cercado de palha de coco propiciou muitas memórias para quem o frequentava. Isso é possível percebermos através dos relatos da depoente quando ela se recorda ao dizer: “Eu mesmo gostava, achava bom demais. Eu tomava uma daquelas, [...] aí caía dentro do forró, só saía quando terminava no outro dia” (ARLINDA BATISTA, 2022).

Muito embora as vivências tristes da época, esse momento de lazer era aproveitado por alguns sujeitos e devido a sua importância, ainda permanece presente na memória de quem viveu essa experiência. Dessa forma, embora desejemos reviver momentos bons, as lembranças não são capazes de nos levar a vivência das mesmas emoções e sentimentos, já que de acordo com Bosi (1994, p. 55), “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”.

A prática futebolística também tem sua marca na história do Bairro do Estado, uma vez que se constituía como uma dinâmica cultural que se torna bastante praticada pelos moradores da localidade no decorrer do tempo. Nesse sentido, ocorre a formação de alguns times, em que podemos destacar o Fluminense, o Bangú, o Vitória, o Atlético e o Bahia. Times estes que participaram de competições municipais, bem como tiveram sua participação em jogos realizados em outras localidades.

Ainda no âmbito do futebol, podemos destacar a construção do primeiro espaço oficial para sediar os jogos que ficava no Bairro do Estado. Conhecido popularmente como “campo do Cruzeiro”, o estádio José de Medeiros Dantas está situado às margens da PB-167 próximo a Cacimba dos Bentos, logo na entrada de Cubati. De acordo com os entrevistados, o campo foi o primeiro espaço de lazer construído no Bairro do Estado e há muitos anos é palco de torneios e jogos abrilhantados por equipes locais e das regiões circunvizinhas.

Embora fosse localizado no Bairro do Estado nem sempre o acesso era permitido livremente, pois a princípio o campo era rodeado por um cercado de aveloz⁴⁵ e para assistir os jogos era necessário realizar o pagamento do ingresso, como destacado pelo entrevistado ao dizer que “Antigamente era unicamente o campo cercado de aveloz pra ninguém entrar, espiava pelo buraco do aveloz. [...] Porque tinha que pagar o ingresso, pra pagar o time que vinha de fora” (ANTÔNIO COSTA, 2022). Assim, muito embora o campo estivesse situado na comunidade, as pessoas que nela residiam não podiam ocupar esse espaço tendo-se em vista que não possuíam os recursos para arcar com as despesas do ingresso para poder assistir aos jogos. Anos mais tarde é que é feita a retirada do cercado e os jogos passam a ser assistidos gratuitamente, como fora revelado pelo entrevistado Antônio Costa.

Outro espaço de lazer bastante popular do Bairro do Estado era conhecido como tanque de Totinha, que ficava situado nas imediações do Bairro próximo a estrada que liga a cidade ao Sítio Portais. O tanque tratava-se de uma propriedade privada, mas que fora adquirido pela prefeitura na gestão de Ernando Davinci de Lima (1993-1996). A água era utilizada pelas lavadoras de roupa da cidade e também servia como ambiente de lazer pelos populares para os dias de entretenimento. Quando questionado sobre os espaços de lazer frequentados na época o entrevistado faz referência ao tanque como espaço bastante significativo para a comunidade dizendo “Esse aí era o espaço, como se dizia, o piscinão da gente era lá” (SEVERINO RODRIGUES, 2022).

Mas não era apenas os moradores da localidade que compartilhavam desse momento de lazer, pois, como destaca os entrevistados era comum pessoas de diferentes lugares da cidade frequentarem o espaço, como é possível vermos na fala a seguir:

Os pessoá vinhero de lá da banda de lá, aí trazia bebida pra beber debaixo dos pés de pau. Vinha da Serrinha, vinha lá do Zé Pinheiro, mermo da Rua Grande. Aí eles vinha pr'ali, botava lá naquele mulungu, aí eles ia pra debaixo daquele mulungu, tomando banho e tomando pinga (ANTÔNIO COSTA, 2022).

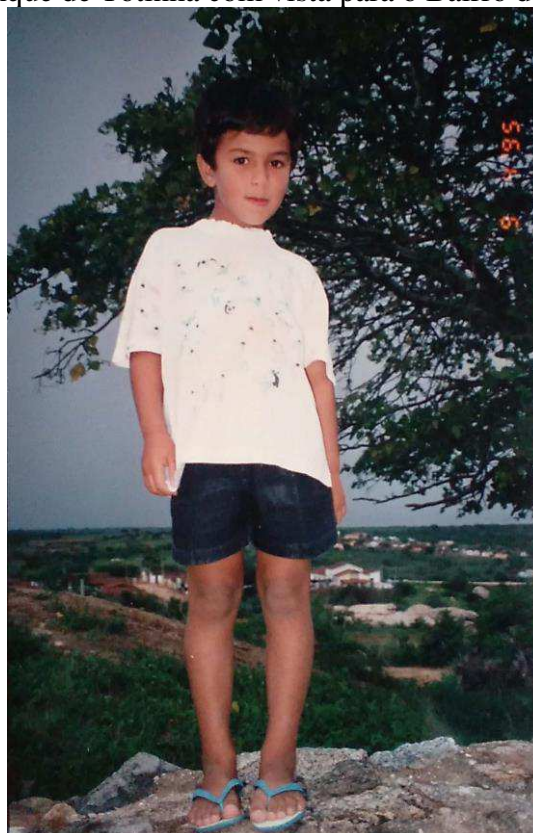
Diante disso, percebemos que na medida que o espaço fica conhecido popularmente e que outras pessoas de diferentes localidades passam a frequentá-lo, as pessoas que usufruíam desse espaço inicialmente se sentem ameaçadas, como se o espaço de lazer deles tivesse sido invadido. Nesse sentido, percebemos que a

⁴⁵ O aveloz é uma planta de origem indiana e pode chegar a atingir aproximadamente quatro metros de altura. Ela é cultivada amplamente em todo o Brasil, mas com maior predominância na região Nordeste. Antigamente era utilizada para formação de cercas-vivas para a proteção e delimitação de propriedades. Maiores informações em: <<https://hortodidatico.ufsc.br/aveloz/>>. Acesso: 09 jun 2022.

demarcação territorial acaba por dar origem a uma disputa pelo ambiente. Pensando-se o território como um instrumento de exercício do poder, Souza (2000) destaca que “O território, [...] é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder” (SOUZA, 2000, p. 78).

À vista disso, percebemos que os moradores do Bairro do Estado se sentem ameaçados ao sentirem sua estabilidade de lazer invadida por pessoas externas à comunidade, que buscavam usufruir do descanso e divertimento antes vivenciado apenas por moradores locais.

Figura 14- Tanque de Totinha com vista para o Bairro do Estado (1995)



Fonte: Acervo da autora

Na figura 15 podemos visualizar uma fotografia registrada no alto do tanque, em que é possível vermos a árvore que fornecia sombra e servia de local de encontro para os banhistas em suas festividades. Na fotografia ainda é possível vermos ao fundo a paisagem do Bairro do Estado no ano de 1995, uma paisagem constituída ainda por boa parte de aspectos rurais, mas que já possuía muitas habitações que formavam as ruas do bairro – a fotografia dá destaque a Rua José Martins de Oliveira. Ainda podemos

visualizar a parte de trás do matadouro municipal e a estrada de terra⁴⁶ que ligava o Bairro do Estado a cidade de Cubati.

Sendo assim, muito embora as poucas condições sociais, os moradores do Bairro do Estado possuíam os seus espaços de lazer, os quais apresentavam grande importância para quem os frequentava. Além disso, foi possível constatarmos que a presença de sujeitos externos ao Bairro nesses locais fazia com que os moradores se sentissem ameaçados por medo de perder o domínio sobre aquele espaço.

A seguir, discutimos sobre o conceito de identidade, bem como trazemos questões importantes que são destacadas teoricamente pelos autores nesse âmbito. Além disso, refletimos sobre o processo de construção identitária dos moradores do Bairro do Estado, destacando as identidades apresentadas por eles com base nos relatos de memória.

⁴⁶ No ano de 2000 foi realizada manutenção na estrada com construção do asfalto, o que deixou o caminho mais estruturado evitando desgaste da ponte nos períodos chuvosos com fortes enchentes.

CAPÍTULO 4

A METAMORFOSE DAS IDENTIDADES EM “TEMPOS LÍQUIDOS”

“Os tempos são líquidos porque, assim como a água, tudo muda muito rapidamente. Na sociedade contemporânea, nada é feito para durar”.

(Zygmunt Bauman)

A contemporaneidade traz muitas demandas para as nossas vidas, fazendo com que as cobranças impostas todos os dias nos obrigue a ter uma vida bastante agitada. Desse modo, vivemos às pressas e precisamos cada vez mais ser rápidos para resolvermos um maior número de coisas em menos tempo. Assim, as mudanças repentinas que ocorrem na sociedade, refletem em nós fazendo com que mudemos rapidamente, e com o decorrer do tempo, nossos interesses e desejos também vão se alterando.

Em “Modernidade Líquida”, Zygmunt Bauman discute acerca de como o viver na modernidade estaria atrelado às relações e experiências momentâneas que não teriam o caráter duradouro, mas que estão em constantes modificações, sendo caracterizado pela liquidez, volatilidade e fluidez. Entretanto, a modernidade líquida discutida por Bauman (2001), acaba fazendo com que as pessoas fiquem sujeitas a um maior nível de individualismo e distanciamento relacional com os seus pares.

Assim, a imprevisibilidade que marca a modernidade faria com que as pessoas mudassem constantemente, mediante as experiências que tem nas interações sociais. Conseqüentemente, as identidades que são formadas não possuem um caráter permanente, pois na medida que o sujeito muda, os seus interesses e perspectivas também se alteram e, conseqüentemente, suas identidades se modificam concomitantemente.

Nesse mesmo sentido, Giddens (2002) faz uma abordagem do processo de transição de uma sociedade tradicional para a modernidade, em que o sujeito deixa de seguir os padrões estabelecidos tradicionalmente pela sociedade na formação de sua identidade social, passando a ser mais flexível em suas escolhas e opiniões e estando em constante mutação mediante as relações que ocorrem no contexto em que está inserido. Dessa forma, a modernidade para Giddens (2002) representa um avanço, uma vez que ela significaria uma elevação do sujeito para a sua autonomia.

Assim, nesse capítulo discutimos acerca da identidade como um processo de construção que não se cessa, não se encerra, mas que está sujeito a modificações permanentemente. Para tanto, dividimos este capítulo em duas partes. Na parte inicial, intitulada “*As metamorfoses representativas do sujeito: reflexões teóricas sobre o processo de construção identitária*”, fazemos uma breve discussão teórica sobre o conceito de identidade, em que nos embasam autores como Goffman (1975), Ciampa (1989), Dubar (2010), Silva (2014), dentre outros.

Já na última parte que denominamos de “*Memória e identidade: a construção do sujeito e do seu grupo social*” refletimos acerca das identidades que foram construídas pelos sujeitos moradores do Bairro do Estado durante a nossa delimitação temporal, de 1970 a 2015. Para isso, analisamos as memórias dos sujeitos relatadas nas entrevistas realizadas no desenvolvimento da pesquisa.

4.1 AS METAMORFOSES REPRESENTATIVAS DO SUJEITO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

“Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação”.

(Antônio da Costa Ciampa)

Ao nos relacionarmos socialmente construímos representações de quem somos, ao mesmo tempo em que os nossos desejos nos remetem para a elaboração de representações daquilo que almejamos ser ou do que não é possível concretizar devido às normas padronizadas que são estabelecidas pela sociedade. Além disso, da mesma forma que construímos as representações sobre nós, elaboramos também representações sobre as pessoas que conhecemos e convivemos em nosso cotidiano.

Nesse sentido, Erving Goffman (1975) ao refletir sobre as representações do eu na vida cotidiana, chama nossa atenção para o fato de que ao mantermos um primeiro contato com outros indivíduos temos uma certa insegurança para confiar na pessoa que estamos nos relacionando por não conhece-las bem e procuramos o maior número possível de informações sobre estes e quando não é possível obter informações acerca dessas pessoas, utilizamos taxações com base em sujeitos semelhantes para determinar sua conduta ou aparência.

Assim, “quando não conhecemos alguma coisa que se coloca em nosso mundo já estruturado, nós a vemos como um borrão, uma mancha, a qual preenchemos com nossos significados” (BACCEGA, 1998, p. 10). Diante disso, acabamos por aplicar a esses sujeitos estereótipos não comprovados, construídos com base no que é praticado em nosso grupo cultural. Sobre os estereótipos, Baccega (1998) ressalta que

O estereótipo [...] é um reflexo/refração específica da realidade [...], mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que

vão influenciar o comportamento humano. Ele se manifesta, portanto, em bases emocionais, trazendo em si, [...] juízos de valor preconcebidos, preconceitos, e atuam na nossa vontade” (BACCEGA, 1998, p. 10).

Além disso, Baccega (1998) nos instiga a refletir como a construção dos estereótipos influenciam a nossa percepção da realidade, sendo este um elemento construído pela cultura e que é transmitido de forma bastante prática pela linguagem a diferentes sujeitos.

Nessa direção, Goffman (1975) salienta que o acesso previamente a informações sobre o indivíduo influenciará a forma como se dá as relações sociais que se estabelecem nesse contexto. Desse modo, o autor destaca que

A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada (GOFFMAN, 1975, p. 11).

Dessa forma, a construção de uma informação previamente estabelecida nos dá uma maior segurança na forma como devemos nos relacionar com os demais sujeitos. Muito embora, as informações pré-estabelecidas deem uma certa estabilidade às nossas relações, isso não quer dizer que os indivíduos são construídos pela permanência de ideias e ações.

Os sujeitos se constituem a partir de interesses que dão consistência ao que criam sobre si e suas preferências, fazendo com que as identidades sejam formadas. Sobre isso, Giddens (2008, p. 29) destaca que “a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas”. Diante disso, é possível contarmos que os desejos individuais e coletivos agem na formação identitária e faz com que a identidade, segundo Silva (2014), se constitua através de um significado cultural e socialmente estabelecido. Nesse sentido, a identidade se constitui a partir dos aspectos culturais, mas também se torna reflexo do espaço social em que o sujeito está inserido.

Entretanto, é importante salientarmos que a identidade não tem uma forma constante, ela está sempre sofrendo mutações, pois como destaca Ciampa (1989, p. 59), “a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele”. Isto é, somos produto de nossas vivências experienciadas e das interações que mantemos com nossos pares, bem como da perspectiva do outro sobre nós. Assim, Ciampa (1989) ressalta que os sujeitos se revelam pelo que mostram de si, mas também pelo que ocultam, isto é, nossas identidades são produto de ocultação e revelação.

Ademais, Woodward (2014, p. 10) destaca que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”, isto é, ela pode ser construída com base na posição social ocupada pelos sujeitos, ao mesmo tempo em que ela também é condicionada pelos aspectos simbólicos utilizados pelos sujeitos como o uso de acessórios ou elementos que dizem algo sobre quem são, como é o caso do uso de dread’s e alargadores pelos povos hippies.

Tendo-se em vista que as identidades se modificam ao longo do tempo, variando conforme as experiências, podemos perceber que nossos interesses mudam ou se intensificam de acordo com o que vivemos e defendemos. À vista disso, Dubar (2010) destaca duas formas de identificação. A primeira refere-se as formas comunitárias de identificação, enquanto que a segunda é considerada uma forma societária de identificação.

As formas comunitárias de identificação “supõem a crença na existência de grupos chamados ‘comunidades’ considerados como sistemas de lugares e de nomes predeterminados aos indivíduos que se reproduzem de forma idêntica através das gerações” (DUBAR, 2010, p. 10). Já as formas societárias de identificação “supõem a existência de colectivos múltiplos, variáveis, efêmeros, aos quais os indivíduos aderem durante períodos limitados e que lhes fornecem as fontes de identificação que eles gerem de maneira diversa e provisória” (DUBAR, 2010, p. 10).

Nessa direção, para Ciampa (1987) a identidade se configura mediante as relações sociais, uma vez que quando as relações mudam, conseqüentemente, as identidades se alteram. Isso é possível, já que “O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa” (CIAMPA, 1987, p. 86).

Nesse sentido, não podemos considerar o sujeito como acabado, mas que sofre constantes modificações devido as diferentes experiências ao qual está exposto. Em vista disso, Silva (2014) discute acerca da imprevisibilidade que condiciona a formação identitária, uma vez que, segundo o autor,

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouca é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e

narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (p. 96-97).

Para mais, torna-se indispensável inserirmos nessa discussão o conceito de identidade atrelado ao de diferença, uma vez que esses conceitos se articulam e um é condicionante do outro. Isso é possível, já que quando se estabelece uma identidade, tomamos como base características semelhantes que possibilitam ao sujeito estar inserido e/ou representado por determinado grupo. Enquanto isso, o que for contrário a esses atributos, se constitui como diferença.

De acordo com Silva (2014), a identidade e a diferença são marcadas pelas relações de poder e possuem um propósito que o isenta de inocência, uma vez que atributos políticos, sociais, culturais, dentre outros aspectos agem significativamente na construção da identidade e da diferença. Consequentemente,

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2014, p. 76).

Pensando o sujeito em sua individualidade é perceptível que eles possuem diversas características que os assemelham e os diferenciam dos seus pares. Diante disso, é possível classificarmos as identidades de dois tipos, sendo ela pessoal estando atrelada a subjetividade do sujeito ou coletiva de acordo com os interesses do grupo em questão.

Nessa direção, Ciampa (1987, p. 127) destaca que “Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Uma vida que nem sempre é vivida, no emaranhado das relações sociais”. Desse modo, as identidades individuais se formam como reflexo das relações experienciadas pelos sujeitos socialmente, sendo o contexto um fator condicionante para resultá-la.

Pollak (1992) compreende as identidades coletivas como “todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência” (p. 207).

Sendo a identidade produto do contexto e das relações que são estabelecidas socialmente, no próximo tópico discutimos acerca da construção identitária dos sujeitos moradores do Bairro do Estado, pensando as memórias de vivências como elemento preponderante para a formação dessas identidades.

4.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO E DO SEU GRUPO SOCIAL

“A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade”.

(Joel Candau)

Ao longo de nossa vida, armazenamos as lembranças dos acontecimentos que vivenciamos e carregamos em nossa memória os vestígios do que foi importante para nós e nossos entes queridos. Entretanto, não podemos dizer que essas memórias são guardadas em sua integralidade, mas são retalhos que nos dão indícios do que aconteceu, muito embora não seja capaz de reproduzir integralmente o que vivemos ou sentirmos da mesma forma e com a mesma intensidade como já foi um dia.

Isso ocorre porque “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição do mesmo” (CANDAU, 2011, p. 9). Nesse sentido, assim como a representação, a memória não possibilita uma reprodução fiel da realidade vivenciada no passado, mas podemos inferir que ela se constitui como um produto de interesses atendendo a uma demanda, seja ela pessoal ou social. À vista disso, ocorre um processo de mutação mútua entre o sujeito e a memória, pois “A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada” (CANDAU, 2011, p. 16).

A memória se constitui como um fenômeno individual, mas que também deve ser compreendida como algo coletivo e/ou social que abarca os interesses do grupo envolvido nesse processo. Assim, nem tudo será armazenado, pois, segundo Pollak (1992, p. 203), “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória individual se constitui pelas percepções individuais que cada sujeito tem acerca dos fatos que foram vivenciados. Entretanto, muito embora essas vivências tenham sido experienciadas de forma coletiva, cada sujeito apreende os acontecimentos de forma diferente. Além disso, o autor ressalta que

nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se

distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

A memória coletiva abrange a percepção das vivências experienciadas por um determinado grupo. Assim, os sujeitos que compõem esse grupo compartilham a visão positiva ou negativa de um acontecimento preciso. Nesse sentido, a memória se configura “como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 201).

À vista disso, Le Goff (2012, p. 456) destaca que “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”. Desse modo, não são todas as lembranças que irão resistir, mas apenas aquelas que prevalecerem ao longo do tempo. Além disso, na medida em que a memória é resultante das relações de poder, ela também resiste como uma ferramenta de poder para garantir a sua própria continuidade.

Quando tratamos de histórias de vida é possível percebermos o quanto a memória individual se constitui como um fator preponderante para que possamos traçar o enredo dessas histórias identificando os indícios que as atrelam as memórias coletivas dos grupos sociais ao qual esses sujeitos se sentem pertencentes. Isso é possível, já que

Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Podemos, assim, dizer que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto, e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado (PAULILO, 1999, p. 140-141).

Ao refletirmos sobre as nossas histórias de vida e dos sujeitos que estão ao nosso redor podemos perceber as diferentes identidades que se formam e a partir dos contextos que elas surgem podemos ressignificá-las por meio de um olhar sensível. Assim, é indispensável pensarmos a memória como um fator preponderante na constituição identitária, pois, de acordo com Pollak (1992, p. 204),

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Desse modo, a partir das memórias dos sujeitos da pesquisa buscamos compreender quais as identidades que se formaram ao longo de nossa delimitação temporal proposta, uma vez que “Não há busca identitária sem memória e,

inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (CANDAU, 2011, p. 19).

Como pudemos perceber os moradores do Bairro do Estado vivenciaram diferentes fases desde o surgimento das primeiras moradias até a estruturação de um bairro com condições melhores e durante esse tempo diferentes identidades se constituíram. Identidades estas que se formaram de forma individual, mas também coletivamente.

A partir dos relatos memoriais foi possível identificarmos a resistência de alguns sujeitos em falar sobre determinados acontecimentos, por eles estarem atrelados a experiências ruins, as quais não gostariam de recordar. Momentos de sofrimento que acarretou em muita dor para eles e seus entes queridos. Mas nem só de momentos ruins se constituem essas lembranças, como é relatado por Paulo Sales que expressa com muita emoção a saudade dos momentos que já vivenciou no Bairro do Estado, desde o tempo da mocidade. Ele destaca que, “Tem dia que eu choro. Passei por muita coisa ruim e boa. [...] eu só vivia por aqui com uma balinheirinha⁴⁷. Mas é assim mesmo a vida. A gente uma hora é novo, outra hora é velho, mas Deus é bom” (PAULO SALES, 2022).

Diante disso, percebemos que para Paulo Sales, embora as tristezas e desgostos vividos ao longo de sua vida, esses momentos tiveram grande importância e hoje se transformaram apenas em saudade do que fora vivido em outrora. Além disso, o entrevistado também destaca a vivência de momentos bons que intensificam esse sentimento de afetividade com as memórias do que já viveu.

Nessa direção, é importante pensarmos até que ponto as memórias guardadas pelos sujeitos da pesquisa refletem positivamente ou negativamente na construção da sua identidade social. Será que eles se sentem pertencentes ao Bairro do Estado? Ou mesmo, como eles se sentem nas relações em grupo, será que há uma coesão grupal e seus interesses e aspirações constituem uma identidade coletiva.

De acordo com Dubar (2005), as identidades sociais são produto do processo de socialização dos indivíduos. Desse modo, elas se formam a partir das nossas vivências em sociedade, pelas quais interagimos socialmente e aprendemos a lidar com as

⁴⁷ Atiradeira construída com um galho de árvore em formato de forquilha, tiras elásticas e um pedaço de couro que o atirador posiciona a pedra para atirar. Também é conhecida como estilingue, badoque, bodoque, baladeira, etc. Esse instrumento é muito utilizado por crianças e jovens durante brincadeiras e caças no interior do Nordeste brasileiro.

situações cotidianas mediante os nossos interesses. Nesse sentido, Giddens (2008) compreende as identidades sociais como as

características que os outros atribuem a um indivíduo. Estas podem ser vistas como marcadores que indicam, de um modo geral, quem essa pessoa é. Ao mesmo tempo, posicionam essa pessoa em relação a outros indivíduos com quem partilha os mesmos atributos (GIDDENS, 2008, p. 29).

Diante disso, as identidades sociais podem ser ressignificadas devido a influência do olhar do outro sobre nós. Nesse sentido, Goffman (2020) destaca dois tipos de identidades sociais, as quais ele denomina de identidade social real e identidade social virtual. A identidade social real compreende as categorias e atributos que o sujeito demonstra possuir. Enquanto que a identidade social virtual estaria atrelada as concepções elaboradas externamente pela sociedade (GOFFMAN, 2020).

Dessa forma, a identidade social pode ser produto do modo como o sujeito se identifica, mas também se constitui como reflexo das concepções formadas socialmente por outros indivíduos. Logo, as construções sociais de percepção afetam a formação identitária, dando forma a uma identidade que nem sempre compreende a realidade do sujeito.

As formas de viver e de morar no Bairro do Estado durante suas três primeiras décadas, isto é, até os anos 2000, possibilitaram a construção de uma visão negativa sobre a comunidade. Devido às situações precárias de vulnerabilidade social, os sujeitos eram vistos socialmente como pessoas inferiores, como é destacado por Pereira (2020). De acordo com a autora,

a partir de uma visão exteriorizada, [...] os sujeitos [...] eram enquadrados como pobres, inferiorizados socialmente por estarem em uma situação agravante [...], lembrada apenas em período eleitoral ou requisitada como mão de obra barata. Desse modo, essa identidade de pobre forjada nos emaranhados sociais foi firmada sobre o Bairro do Estado, se fortalecendo através das vivências cotidianas, que fazia com que as pessoas residentes na região central da cidade vissem esses sujeitos como frágeis e dignos de compaixão (p. 30).

Diante disso, percebemos que o estigma construído socialmente afetava significativamente os moradores do Bairro do Estado, fazendo com que eles não se sentissem bem aceitos na sociedade, gerando um sentimento de inferioridade. Essa categorização de inferiorização social é destacada por José Silva ao falar da dificuldade de aceitação social da mulher moradora do Bairro do Estado para a realização de trabalho doméstico nas residências da cidade. Ele lembra:

antigamente, se dissesse que [...] era do Bairro do Estado, não era aceito na rua, por conta de o pessoal achare [...] que a pessoa que vinha do bairro enchia as casas de piolho, entre outras coisas. [...] e principalmente aquelas pessoas que eram bem, bem mais pobres do que as outras. Porque tinha umas que se sobressaía entre essas famílias, que por ser uma família tão conhecida era bem aceita entre a sociedade, outras não, né (JOSÉ SILVA, 2022).

Como é destacado na fala do entrevistado, embora existisse uma inferiorização dos moradores desta localidade, havia algumas pessoas que eram melhor aceitas pela sociedade com base na família que pertenciam, por ser mais conhecida. E isso ocorria porque embora fossem menos aceitos, a sociedade em geral necessitava da exploração da força de trabalho desses sujeitos e devido a sujeição a baixas remunerações isso se tornava mais atrativo.

Assim, partindo da questão da realização de trabalhos precarizados, é indispensável pensarmos acerca do papel do indivíduo dentro do contexto familiar e a identidade que se forma nesse âmbito, em que destacamos a identidade da mulher dona de casa, mas que precisava enfrentar a batalha diária como provedora do seu lar, já que muitas mulheres criaram os filhos sozinhas e além das atividades domésticas buscam serviços laborais exaustivos e pouco remunerados para garantir o sustento da família com o suprimento de necessidades básicas.

José Silva aponta sua mãe como uma pessoa que passou por difíceis percalços para sustentar a família. Segundo ele, a mãe precisou enfrentar serviços pesados e sem uma remuneração digna para criar os filhos e o fato de não ter o que dar para os filhos comerem se tornava um fardo mais pesado do que o que tinha que enfrentar no trabalho pesado. Isso está bem expresso na fala dele quando diz

ela sofria mais do que a gente, né? Sofria mais do que a gente porque uma mãe ver o fogo ali apagado, seus filhos um num canto chorando e o outro lá do outro canto chorando porque não tem comer e ela não tem de onde tirar, nem como tirar. Então, ali ela sofreu mais do que a gente, né? (JOSÉ SILVA, 2022).

Diante disso, ao analisarmos os relatos memoriais de quem morou ou ainda reside no Bairro do Estado, é possível que a princípio limitemos nosso olhar percebendo unicamente o indivíduo morador desta localidade como detentor de uma identidade de um sujeito simples que enfrentou muitos obstáculos na vida, mas que vê as coisas que passa como aprendizado e fortalecimento para se tornar uma pessoa melhor e mais forte.

Isso se dá porque, segundo Goffman (2021), o sujeito estigmatizado pode interpretar a situação que vive como uma “bênção secreta”. Nesse sentido, “O estigmatizado pode, [...] ver as privações que sofreu como uma bênção secreta,

especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e as outras pessoas” (GOFFMAN, 2021, p. 13).

Entretanto, não devemos reduzir o sujeito unicamente a sua condição social, uma vez que muito embora a escassez de recursos, podemos perceber em meio aos relatos que os sujeitos carregam consigo diferentes identidades que não se alteram, sendo fortalecidas, mesmo estando sujeitos a situações de vulnerabilidade social.

Inicialmente destacamos a identidade política que se forma a partir da escolha de um candidato da localidade para trabalhar em prol de benefícios para a comunidade, a fim de trazer melhorias para o Bairro. Nesse sentido, nas eleições municipais do ano 2000, o Bairro do Estado tem o seu primeiro representante local compondo a bancada da Câmara dos Vereadores de Cubati. Valdomildo Avelino de Sousa⁴⁸ conhecido popularmente por “Valdo do Estado” foi eleito com 148 votos⁴⁹, significando uma importante conquista para os moradores desta localidade, que elegem através do voto um representante para a comunidade.

Além disso, ainda no sentido político, podemos destacar o papel do sujeito na comunidade se sentindo pertencente e lutando por melhorias a partir da formação da Associação dos Moradores do Bairro do Estado para que com isso pudessem adquirir melhorias estruturais para o Bairro. No entanto, embora a associação tenha significado a conquista de melhorias, ela durou pouco tempo, mas existe uma consciência formada sobre a importância dela para o Bairro, como é destacado por Severino Rodrigues ao destacar o seu interesse de que a Associação seja reativada ao dizer:

Essa associação foi criada no motivo de melhoria pro nosso bairro. Só que essa associação, ela era uma associação muito ativa no nosso bairro [...]. E hoje essa associação até caducou, não existe mais no nosso bairro e vamos tentar resgatar ela um dia para que a gente pudemos trabalhar através da Associação no Bairro do Estado (SEVERINO RODRIGUES, 2022).

Muito embora as narrativas de sofrimento, é perceptível que os relatos dos sujeitos dão indícios de muita afetividade pelo seu local de vivência, a exemplo da fala do entrevistado Manoel Sousa quando questionado sobre a possibilidade de sair do Bairro do Estado e ir morar em outra localidade. O entrevistado faz destaque sobre a impossibilidade de conseguir viver em outro lugar, devido a ter um vínculo afetivo

⁴⁸ O candidato foi reeleito como vereador nas eleições municipais de 2004 com 256 votos. Mais informações em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2004/candidaturas-votacao-e-resultados/resultado-da-eleicao-2004>>. Acesso: 04 mar. 2023.

⁴⁹ Informações disponíveis em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2000/resultado-da-eleicao-2000>>. Acesso: 04 mar. 2023.

muito forte em relação a comunidade que reside, pois segundo ele seria impossível viver a vida longe do Bairro do Estado e que não consegue imaginar vivendo em outra localidade.

As mudanças estruturais que ocorreram no Bairro a partir dos anos 2000 ocasionaram uma resignificação do morar no Bairro do Estado, isso é importante porque a partir do que é experienciado nesse âmbito, o sujeito estabelece vínculos muito fortes com o seu local de vivência, pois, de acordo com Certeau (1996), “o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele se constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (CERTEAU, 1996, p. 40).

Segundo Pereira (2020), as melhorias que ocorreram na vida dos moradores do Bairro do Estado a partir de 2000 foram bastante significativas, ela destaca que

a partir das mudanças ocorridas no Bairro, com a retirada do lixão da localidade, a construção de casas de alvenaria, a pavimentação das ruas e a estabilização financeira por meio de programas sociais, possibilitou que as pessoas obtivessem melhores condições sociais e fossem percebidas socialmente de forma mais igualitária (PEREIRA, 2020, p. 31).

Desse modo, à medida que o cenário foi se modificando, a vida das pessoas que ali residiam foi melhorando e o sentimento de fazer parte desse Bairro foi sendo redefinido. Ademais, a inserção dessas pessoas em programas sociais de melhoramento de renda foram cruciais, uma vez que a qualidade de vida foi melhorando gradativamente.

Para mais, é importante destacarmos também a importância cultural da prática do futebol, uma vez que a formação da identidade futebolística do Bairro do Estado está inscrita na história dos times locais, o Bahia e o Vitória, e é retratada nas falas de Paulo Sales e Severino Rodrigues, os quais demonstram a satisfação de ser integrante de um grupo representante da comunidade não apenas no cenário do futebol local, mas em competições em outros lugares.

Paulo Sales nos relatou sua trajetória junto ao futebol, diz ele “Joguei muito tempo, muitos anos aí no Cruzeiro. Aí depois eu saí daí, fui trabalhar fora”. A necessidade de buscar um trabalho fez com que ele desse um tempo jogando nos times cubatienses, mas a sua afeição pelo futebol vai ser carregada por sua vida e passada tradicionalmente para os filhos, fazendo com que anos depois ele venha organizar um time para representar o Bairro do Estado. Segundo ele “os times é muito bom [...] Eu gosto tanto do Bairro do Estado, inventei esses times porque meus filhos joga bola. E eu

disse, eu vou fazer um timezin pra gente brincar, mas o quê, ficou famoso, foi inté pro Pernambuco duas vezes” (PAULO SALES, 2022).

Já Severino Rodrigues, jogador do Bahia, relata o seu orgulho em fazer parte desse time a muito tempo. Quando questionado sobre o seu itinerário no futebol, ele diz: “Cheguei a jogar no qual é um grande time que até hoje eu jogo. Quando começou era o Bangú e hoje só foi mudado de nome, que é o Bahia, mas um grande clube da nossa cidade, no qual já fomos campeão por várias vez” (SEVERINO RODRIGUES, 2022).

Muito embora a rivalidade existente entre os clubes durante os campeonatos, é perceptível na fala dos sujeitos que ambos reconhecem que os dois times são muito bons e que foram importantes nomes que fizeram parte da história do Bairro do Estado, o Vitória pelo que foi e que pode vir a ser e o Bahia pelo que ele ainda representa no âmbito futebolístico.

Para mais, é indispensável salientarmos que a identidade está atrelada ao sentimento de pertencimento, isto é, a identidade do sujeito é condicionada pelo sentimento de pertença dele a um local ou a um grupo, pois, segundo Pesavento (2001, p. 9), “A identidade é a construção simbólica que elabora a sensação de pertencimento, propiciando a coesão social de um grupo, que se identifica, se reconhece e se classifica como de iguais ou semelhantes”.

Ao longo desse enredo, vemos que os moradores do Bairro do Estado desempenharam diferentes papéis que influenciaram na formação das identidades que eles possuíram ao longo dessa trajetória. Entretanto, o estigma social construído com base na sua condição social e que foi carregado por eles durante muito tempo, agiram na construção de suas identidades fortalecendo ou enfraquecendo os seus vínculos com o Bairro do Estado.

Se pensarmos na separação espacial que demarca o afastamento do Bairro do Estado do restante da cidade, vemos que isso ampliou as barreiras e acarretou em uma segregação social mais intensa. Mesmo assim, algumas particularidades a exemplo do compartilhamento de lazer dos banhos de tanque aos domingos e feriados, foi capaz de reduzir um pouco esse distanciamento, já que muito embora o julgamento sobre a pobreza do Bairro, esse local era visitado por diferentes sujeitos moradores de pontos distintos da cidade.

Além disso, é possível destacarmos também que a prática futebolística com a participação de jogadores locais em clubes da cidade, e em seguida, a formação de times representando o Bairro do Estado em jogos e campeonatos também contribui com a

redução do preconceito e também da separação social. Já que a realização dos jogos chama a atenção de um grande público para acompanhar e torcer fazendo com que ocorra uma redução das barreiras que separavam este Bairro do viver em sociedade.

O que percebemos é que muito embora a trajetória histórica experienciada pelos moradores dessa localidade, muita coisa foi ressignificada, visto que embora o sofrimento causado pela condição social, bem como a exclusão social que castigou os sujeitos dessa comunidade por muito tempo, o Bairro do Estado vivencia outro momento. Isto é, ao passo que as condições sociais e a infraestrutura do Bairro vão melhorando, isso vai refletindo positivamente na vida de seus moradores, uma vez que eles puderam se reconhecer como sujeitos importantes, elementos significativos para a formação e desenvolvimento da sociedade e, conseqüentemente, serem valorizadas socialmente e sentirem-se pertencentes ao Bairro do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade tem história, ela é palco de vivências que dão vida a sua materialidade a partir das interações que os sujeitos mantêm socialmente. O caminhar pela cidade não é ingênuo, pois carrega consigo diferentes significados, interesses distintos e diversas interpretações dos fatos sociais, uma vez que a percepção dos sujeitos está atrelada às subjetividades de cada um.

O município de Cubati passou por um longo processo desde sua origem na Fazenda Canoas até o seu desenvolvimento que acarretou em sua emancipação como cidade, como pudemos acompanhar no capítulo 1. Nesse sentido, a figura dos tropeiros foi indispensável para o seu progresso, uma vez que possibilitou a realização das primeiras atividades comerciais. Com a concretização da feira as atividades comerciais foram impulsionadas e houve um aumento gradativo da população, muito embora a população rural fosse maior do que a urbana.

O crescimento populacional e o avanço do comércio sugeria a necessidade do investimento no processo de urbanização, isso fez com que o poder público investisse na construção de prédios públicos fazendo com que o viver na cidade se tornasse mais atrativo e mais cômodo, tendo-se em vista o acesso a serviços públicos como hospitais, espaços de lazer, etc., além do que, com a ampliação do comércio, o acesso aos produtos de uso cotidiano facilitava a vida, não sendo mais necessário o plantio dos cereais para consumo, nem o deslocamento para outras localidades para a aquisição desses produtos.

O aumento populacional e o crescimento urbano, fez com que ocorresse a expansão do tecido urbano com a ocupação de regiões adjacentes a cidade. Muito embora, as poucas condições sanitárias que permitissem o viver bem e tranquilo, moradias irregulares vão dando origem as localidades periféricas, como por exemplo o Bairro do Estado, que surge nas proximidades do reservatório de resíduos.

Como é discutido ao longo do capítulo 2, o Bairro do Estado tem sua construção nas proximidades de um reservatório de lixo e isso faz com que se construa um estigma social em relação a localidade e as pessoas que ali residiam. Muito embora as condições de vida enfrentada por esses sujeitos até os anos 2000, pudemos perceber que os moradores estabeleceram vínculos afetivos muito fortes com o local que viviam.

Além disso, percebemos que as mudanças estruturais no Bairro e o melhoramento nas condições financeiras dos moradores dessa localidade que ocorreram a partir dos anos 2000 foram bastante significativas, não apenas no sentido do viver melhor, mas também no que concerne ao sentimento de ser um sujeito de direitos e tendo um reconhecimento social.

Para mais, muito embora a visibilidade social voltada para a situação de extrema pobreza da localidade, ainda no capítulo 2, vemos que o Bairro do Estado é palco das sociabilidades, em que podemos perceber diferentes formas de lazer e ambientes que são contextos repletos de memórias para quem teve vivências nesses espaços. Assim, as lembranças armazenadas pelos sujeitos da pesquisa dão destaque ao forró, o futebol e os banhos de tanque como importantes práticas de lazer dos moradores deste Bairro.

As identidades que se formam nesse contexto são discutidas já no capítulo 3 e nos mostraram que assim como é defendido por Bauman (2001), as identidades são líquidas, elas não possuem uma forma fixa e vão se adequando mediante os contextos e também as vivências, as quais os sujeitos estão expostos. Nesse sentido, vimos que as identidades construídas pelos moradores do Bairro do Estado ao longo da delimitação proposta sofreram influência dos estigmas sociais, os fazendo se sentir inferiores socialmente devido a sua condição social.

Ainda pudemos perceber que as mudanças ocorridas ao longo dos anos 2000 possibilitaram uma reconfiguração do viver no Bairro do Estado fazendo com que os moradores se sentissem valorizados socialmente e, conseqüentemente, pudessem fortalecer o sentimento de pertencimento ao seu local de vivência.

Ademais, também foi possível constatar que muito além da condição social, diferentes identidades se estabeleceram fortalecendo os vínculos coletivos como, por exemplo, no sentido político com a composição coletiva para escolher e eleger candidatos representando o Bairro na Câmara dos Vereadores, e também na formação da Associação dos Moradores para a aquisição de melhorias para o Bairro; e ainda, destacamos no âmbito cultural a prática futebolística e formação de times representando o Bairro em jogos e campeonatos locais e externos.

A escassez de documentos e a dificuldade de acessá-los dificultaram a realização da pesquisa, uma vez que a falta de organização do acervo municipal, principalmente dos documentos mais antigos, não garantiu uma exploração documental nesse âmbito. Entretanto, a utilização de outras fontes, possibilitaram a concretização dessa investigação.

Para mais, a exploração dos documentos fotográficos permitiu conhecermos um pouco da história de Cubati a partir das imagens. Além disso, as imagens do Bairro do Estado nos mostraram o panorama com moradias e sujeitos que fizeram parte do contexto explorado nessa investigação.

O trabalho com a história oral possibilita que a história seja vista e revisitada em diferentes perspectivas, permitindo que sujeitos menos favorecidos socialmente tenham suas contribuições reconhecidas. No entanto, o acesso a essas fontes é muito delicado, uma vez que mexe com os sentimentos muito íntimos de cada um dos sujeitos.

Nesse sentido, para a análise dos dados tornou-se indispensável uma reflexão sensível para que pudéssemos destrinchar os significados implícitos nas falas dos sujeitos entrevistados. Entretanto, a exploração de emoções dificulta o trabalho do pesquisador, tendo se em vista que ele necessita manter a neutralidade em sua análise e isso não é uma tarefa fácil, já que somos seres humanos e somos movidos pelos sentimentos.

Diante disso, constatamos que o percurso que traçamos ao longo de uma investigação é muito delicado, devido aos obstáculos no acesso as fontes, bem como as dificuldades que enfrentamos no momento de analisar os dados. Para mais, o fato de os sujeitos acreditarem que não tinham informações importantes para oferecer dificultou a realização das entrevistas, sendo mais fácil a comunicação com os entrevistados que já tínhamos algum contato prévio.

Enfim, acreditamos que a realização dessa investigação foi de suma importância para compreendermos os significados construídos pelos moradores do Bairro do Estado sobre quem são e sobre o que a sociedade estabeleceu a respeito deles ao longo dos anos. Além disso, essa investigação oportuniza uma reflexão sobre as identidades construídas por essas pessoas, ao mesmo tempo que nos convida a pensarmos acerca das relações firmadas socialmente e também o impacto das desigualdades sociais sobre o sujeito.

FONTES CONSULTADAS:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília:

Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 ago 2022.

_____. Emenda Constitucional nº 26, de 14 de fevereiro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc26.htm#1>. Acesso: 20 ago 2022.

_____. Lei nº 10.219, de 11 de abril de 2001, que cria o Programa Nacional de Renda Mínima vinculada à educação - "Bolsa Escola", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10219.htm>. Acesso em: 28 ago 2022.

_____. Decreto nº 4.102, de 24 de janeiro de 2002, que regulamenta a Medida Provisória nº 18, de 28 de dezembro de 2001, relativamente ao Auxílio Gás. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4102.htm>. Acesso em: 28 ago 2022.

_____. Lei nº 10.836, de 09 de janeiro de 2004, que cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/lei/110.836.htm>. Acesso em: 28 ago 2022.

_____. Emenda Constitucional nº 64, de 4 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc64.htm#art1>. Acesso: 20 ago 2022.

_____. Emenda Constitucional nº 90, de 15 de setembro de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc90.htm>. Acesso: 20 ago 2022.

Censo demográfico: dados distritais. Rio de Janeiro: IBGE, 1982. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1980/CD_1980_Dados_Distritais_PB.pdf>. Acesso: 16 jul 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cubati/panorama>>. Acesso em: 29 maio 2022.

JORNAL TRATADO DOS MUNICÍPIOS. **Eles fazem o futuro**. Recife, junho/1985.

Portal Auxílio Brasil e Cadastro Único no seu município. Disponível em: <<https://aplicacoes.cidadania.gov.br/ri/pabcad/painel.html>>. Acesso em: 28 ago 2022.

REVISTA AVANTE. **Realidade dos municípios do nordeste**. Edição 1972. Ano 8. Nº 8.

ROCHA, J. R. A primeira feira. In: **A Folha de Cubati**. Ano I. Edição nº 3. Cubati – PB, julho/95.

Sinopse preliminar do Censo Demográfico: Estado da Paraíba. VII Recenseamento Geral do Brasil – 1960. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/312/cd_1960_sinopse_preliminar_pb.pdf>. Acesso: 29 maio 2022.

Sinopse preliminar do censo demográfico: VIII Recenseamento Geral – 1970. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_pb.pdf>. Acesso: 29 maio 2022.

ENTREVISTAS REALIZADAS:

Severino Rodrigues, entrevista concedida em 26/03/2022;

Antônio Costa, entrevista concedida em 27/03/2022;

José Silva, entrevista concedida em 17/07/2022.

Manoel Sousa, entrevista concedida em 15/11/2022.

Arlinda Batista, entrevista concedida em 20/11/2022.

REFERÊNCIAS

AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros. **Picuí do Seridó: dos primórdios até 1930**. João Pessoa: A União, 2010.

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Com as fotografias em cima da mesa: o que fazer historiador?**. In: ARANHA, Gervácio Batista; FARIAS, Elton John da Silva (orgs.). *Epistemologia, historiografia & linguagens*. Campina Grande: EDUFCG, 2013.

BACCEGA, M. A. **O estereótipo e as diversidades**. *Comunicação & Educação*, (13), 1998, p. 7-14. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820/39542>>. Acesso: 19 fev. 2023.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. v. 5, p. 296-332.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BEZERRA, Daniel Almeida. **A arte de caminhar na cidade: educando o olhar geográfico em andanças no centro de Campina Grande-PB**. 2017. 324 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9754/2/Arquivo%20Total.pdf>>. Acesso: 06 fev. 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

BUCHANAN, D. A. “The role of photography in organization research: A reengineering case illustration”. *Journal of Management Inquiry*, 10, 2, 151-164, 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento.* São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 58-75.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930).** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CORBIN, Alain. A história dos tempos livres. In: _____. **História dos tempos livres.** Lisboa: Teorema, 2001. p. 5-18.

COSTA, A. C. da. **O Bairro do Estado na cidade de Cubati/PB: metamorfoses temporais de sua paisagem.** 2016. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016. Disponível em:

<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9902/1/PDF%20%20Artur%20Chaves%20da%20Costa.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DORNELLES, João Ricardo W. **O que são Direitos Humanos.** São Paulo: Brasiliense, 2013.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A Crise das Identidades: A Interpretação de uma Mutação.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

DUBOIS, Philippe. **Da verossimilhança ao índice: pequena retrospectiva histórica sobre a questão do realismo na fotografia.** In: _____. *O ato fotográfico e outros ensaios.* Campinas, SP: Papirus, 1993. p. 23 – 55.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FISCHER, Izaura Rufino; ALBUQUERQUE, Lígia. s/d. **A mulher e a emergência da seca no Nordeste do Brasil.** Disponível em: <<http://enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/30/f1192a-mulher-e-a-emergencia-da-seca-no-nordeste-do-brasil.pdf>> . Acesso em: 04 set. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A microfísica do poder.** São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FRANÇA, João Paulo. **A “rua do esquecimento”: a memória dominante nos logradouros centrais de Campina Grande-PB.** *Revista Espacialidades*, v.8, n.1, 2015.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Sociologia**. 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

GOULART, José Alídio. **Tropas e tropeiros na formação do Brasil**. Coleção Temas Brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Borsoi LTDA, 1961.

GUIMARÃES, Leandro da Silva. **O modelo de urbanização brasileiro: notas gerais**. GeoTextos, vol. 12, nº 1, julho 2016. p. 13-35. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/14084/11194>>. Acesso: 16 jul 2022.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HANGAI, Daniella Karla Portela Guimarães. **Quando o apito tocava no Bairro da Liberdade: memórias e representações de SANBRA**. 2014. 102f. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2014. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/28450>>. Acesso: 15 abr. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 2004.

JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Revista Educação. Porto Alegre/RS, ano xxx, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez., 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

LIMA, Paula Sonály Nascimento. **Entre cartografias planejadas e desejadas: cartografias do Bairro das Malvinas - Campina Grande, PB**. 2018. 109f. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2018. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/28379>>. Acesso: 15 abr. 2023.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografias: usos sociais e historiográficos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MEDEIROS, Vicente José de. Poesia sobre Cubati. s./d.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História local: contribuições para pensar, fazer e ensinar**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

OLIVEIRA, Izabelle Mayara Ramos de. **A cidade de Taperoá e o processo de higienização social: liberdade, um bairro marcado pela segregação e marginalização (1930-1970)**. 2015. 154f. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2015. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/28346>>. Acesso: 15 abr. 2023.

PAIS, José Machado. **Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. Lisboa: ICS, 2002.

PAULILO, Maria Angela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Serv. Soc. Rev., Londrina, v. 2, n.2, p. 135-148, jul./dez. 1999. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf#page=135>>. Acesso: 30 jan. 2023.

PEREIRA, M. M. A. **A construção identitária dos moradores do Bairro do Estado em Cubati - PB: um recorte a partir dos estigmas sociais (1970 - 2005)**. 2020. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho - 1880-1920**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

_____. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

_____. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online] Debates. 2004b. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/229>>. Acesso em: 16 maio 2020.

_____. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, p. 11 - 23, junho de 2007.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212

RIETVELD, Padre João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada:** a devoção de José Bezerra da Costa. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo: EDUSP, 2020.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado:** Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SILVA, A. F. S. C. **Nas memórias de professoras: redes de saberes que representam a história da educação em Cubati.** 2012. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1928/1/PDF%20-%20Aline%20Fernanda%20Souto%20Costa%20Silva.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2022.

SILVA, Hilmaria Xavier. **A invenção de um lugar:** vivência e memória da favela da cachoeira (Campina Grande 1959 – 2006). Campina Grande: EDUFCEG, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVEIRA, Marília; FERREIRA, Ligia Hecker. **Escritas de si, escritas do mundo:** um olhar clínico em direção à escrita. Athenea Digital - 13(3): 243-263 (noviembre 2013). Disponível em: <<https://uab.cat/article/download/v13-n3-silveira-hecker/1187-pdf-pt/4220>>. Acesso em: 13 nov 2021.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

SOUTO, F. A. de (et al). **Cubati sua História e sua Gente.** Mimeografado. s/d.

SOUTO, W. L. de. **A mulher cubatiense frente ao Programa de Frentes Produtivas de Emergências entre as décadas de 1980-1990.** 2017. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15279/1/PDF%20-%20Wsiel%20Lopes%20de%20Souto.pdf>>. Acesso em: 20 abr 2020.

SUESS, Rodrigo Capelle; RIBEIRO, Antonia da Silva Samir. **O lugar na Geografia Humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escalas, críticas e cientificidade.** Revista Equador (UFPI), Vol. 6, nº 2, p. 1-22. Disponível: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/download/6121/3850>>. Acesso: 12 fev. 2023.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória:** temporalidade, experiências e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VARIKAS, Eleni. **A escória do mundo:** figuras do pária. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo:** uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEBER, Max. **Conceito e categorias da cidade.** In: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987. p. 68-89.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 7-12.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO DO ESTADO EM CUBATI-PB: UM RECORTE A PARTIR DOS ESTIGMAS SOCIAIS (1970 - 2015)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____,
(profissão), residente e domiciliado na _____, portador da Cédula de identidade, RG _____, e inscrito no CPF/MF _____ nascido(a) em ____ / ____ / _____, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO DO ESTADO EM CUBATI-PB: UM RECORTE A PARTIR DOS ESTIGMAS SOCIAIS (1970 - 2015)**”.

Eu, _____, declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I. A pesquisa tem como objetivo “Compreender de que forma os reflexos do estigma social agem na construção identitária dos moradores do Bairro do Estado em Cubati - PB no período de 1970 a 2015”.
- II. A realização desta pesquisa irá contribuir com as produções historiográficas acerca da comunidade do Bairro do Estado e da cidade de Cubati, a partir dos relatos memoriais dos sujeitos participantes nessa investigação. Desse modo, os relatos de memórias



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFPG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC



Nome / RG / Telefone

Testemunha 2 : _____

Nome / RG / Telefone

Responsável pelo Projeto: Maria Maciana Araújo Pereira.

Telefone para contato: (83) 98707-4142.

E-mail: mariaraujo1991@gmail.com.

Endereço do pesquisador responsável: Sítio Canoa Velha, S/N, Cubati – Paraíba.

Apêndice 2 - Roteiro de entrevista para moradores do Bairro do Estado

- 1) Desde quando você mora no Bairro do Estado? Por que veio morar aqui?
- 2) Como era o Bairro do Estado quando você veio morar nessa localidade?
- 3) O que você sabe sobre a origem do Bairro e a respeito das pessoas que deram início a construção do Bairro?
- 4) Como eram as condições de vida das pessoas? Elas tinham trabalho? Viviam de quê?
- 5) Você já sofreu preconceito por morar no Bairro do Estado? Ou conhece alguém que já passou por isso?
- 6) Por que as pessoas chamavam o Bairro do Estado de “Rua do Lixo”? Até hoje se utiliza esse termo para fazer referência à localidade?
- 7) Como se dava as relações estabelecidas entre os moradores do Bairro do Estado e a sociedade em geral?
- 8) Quando você acha que mudou as condições de vida dos moradores do Bairro do Estado?
- 9) Como essas mudanças refletiram na vida das pessoas moradoras dessa localidade?
- 10) Você gosta de morar no Bairro do Estado? Por quê?
- 11) Como você se sente ao recordar dos momentos que foram vivenciados no Bairro do Estado?

ANEXOS

Anexo 1 - Parecer do CEP

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO DO ESTADO EM CUBATI-PB: UM RECORTE A PARTIR DOS ESTIGMAS SOCIAIS (1970 - 2015)

Pesquisador: Maria Maciana Araújo Pereira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52496321.6.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.155.996

Apresentação do Projeto:

De acordo com o pesquisador o projeto ora apresentado propõe uma investigação de cunho qualitativo em que buscamos compreender de que forma os reflexos do estigma social produzido historicamente acerca da comunidade do Bairro do Estado em Cubati – PB agem na construção identitária dos moradores desta localidade. Para tanto, delimitamos nossa abordagem pela temporalidade que compreende o intervalo entre 1970 e 2015, período marcado pela origem do Bairro nas imediações de um lixão e as mudanças no Bairro e nas vidas desses sujeitos nessa delimitação temporal. Nesse sentido, nossa discussão se situa em torno dos conceitos de memória e identidade social e em nossas reflexões acerca desses conceitos nos embasam autores como Pollak, Dubar, Kessel, Pesavento, Giddens, Candau, Le Goff, dentre outros. Ademais, no que concerne aos procedimentos metodológicos, propomos a realização de uma pesquisa pautada em uma abordagem qualitativa, em que para coleta de dados pretendemos utilizar a história oral por meio de entrevistas com roteiro semi-estruturado, busca e análise documental e de registro fotográfico.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador elenca como objetivos:

Objetivo Primário:

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.155.996

Compreender de que forma os reflexos do estigma social agem na construção identitária dos moradores do Bairro do Estado em Cubati - PB no período de 1970 a 2015.

Objetivo Secundário:

- Investigar como se deu o processo de edificação do Bairro do Estado nas imediações de um lixão em Cubati - PB nos anos 1970 e 1980;
- Identificar os fatores que influenciaram na marginalização dessa localidade e de seus sujeitos ao longo da delimitação;
- Compreender de que forma esse estigma social afetou as relações sociais entre os moradores do Bairro do Estado e a sociedade em geral e como isso agiu na construção das identidades sociais desses sujeitos;
- Analisar como as mudanças sofridas positivamente pela comunidade do Bairro do Estado a partir dos anos 2000 refletiu na construção identitária desses sujeitos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador elenca como riscos e benefícios:

Riscos:

Os riscos referentes a essa investigação estão ligados ao constrangimento dos sujeitos a partir de sua identificação. Sendo assim, tendo-se em vista a amenização desses riscos pretendemos manter as identidades dos sujeitos participantes da pesquisa em sigilo.

Benefícios:

A realização desta pesquisa irá contribuir com as produções historiográficas acerca da comunidade do Bairro do Estado e da cidade de Cubati, a partir dos relatos memoriais dos sujeitos participantes nessa investigação

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa denota relevância científica por propor aprofundar a discussão desta temática.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao sistema;;

- Folha de rosto
- Projeto completo
- Termo de compromisso dos pesquisadores

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.155.996

- Termo de Uso de dados em arquivo
- Termo de consentimento livre e esclarecido
- Cronograma
- Orçamento
- Instrumento de coleta de dados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1755184.pdf	27/11/2021 17:34:08		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	27/11/2021 17:31:22	Maria Maciana Araújo Pereira	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.docx	27/11/2021 17:29:45	Maria Maciana Araújo Pereira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.docx	11/10/2021 16:36:10	Maria Maciana Araújo Pereira	Aceito
Outros	Pesquisa_em_arquivo.pdf	13/09/2021 15:13:57	Maria Maciana Araújo Pereira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_dos_pesquisadores.pdf	13/09/2021 15:09:59	Maria Maciana Araújo Pereira	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	13/09/2021 15:05:56	Maria Maciana Araújo Pereira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.155.996

CAMPINA GRANDE, 09 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

Anexo 2 – Lei N° 2.076, de 30 de abril de 1959



GOVERNO DA PARAIBA

LEI N. 2.076 de 30 de Abril de 1959

Cria o município e a comarca de Cubatí, e dá outras providências.

O Governador do Estado da Paraíba:

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - É criado o município de Cubatí, atual Vila do município de Picuí, com sede na vila do mesmo nome, que fica elevada à categoria de cidade.

Parágrafo único - O município de Cubatí, constituído na sua totalidade pelo território do atual distrito, tem os seus limites fixados pela Lei nº 318, de 7 de Janeiro de 1949.

Art. 2º - Enquanto não se realizarem as eleições para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores, o Poder Executivo do novo município será exercido por um Prefeito nomeado pelo Governador do Estado, o qual, além das atribuições definidas em Lei, poderá elaborar o orçamento e expedir decretos-leis "ad-referendum" da Câmara Municipal.

Art. 3º - As eleições para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores do município realizar-se-ão em data designada pelo Tribunal Regional Eleitoral, de acordo com a legislação em vigor.

Art. 4º - ... (VETADO).

Parágrafo único - ... (VETADO).

Art. 5º - ... (VETADO).

Art. 6º - ... (VETADO).



- 2 -

Art. 7º - Fica extinto o Sub-Comissariado de Polícia do antigo distrito e criado o Comissariado de Polícia do Município de Cubatí, com os respectivos suplentes, na forma da lei em vigor.

Art. 8º - Para ocorrer às despesas com a execução da presente Lei, fica o Poder Executivo autorizado a abrir o crédito especial até a importância de Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros).

Art. 9º - A instalação do Município de Cubatí verificar-se-á quinze dias depois da vigência da presente Lei.

Art. 10º - ... (VETADO) revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado da Paraíba, em João Pessoa, 30 de Abril de 1959; 71º da Proclamação da República.

Eda Pradell

 G. B.

 E. N. M.